

2º Período

Estudos Lingüísticos I

Ronaldo Lima
Ana Cláudia de Souza

Florianópolis, 2008.

Governo Federal

Presidente da República: Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Educação: Fernando Haddad

Secretário de Ensino a Distância: Carlos Eduardo Bielschowky

Coordenador Nacional da Universidade Aberta do Brasil: Celso Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Alvaro Toubes Prata

Vice-reitor: Carlos Alberto Justo da Silva

Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa

Pró-reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Muller

Departamento de Educação a Distância: Araci Hack Catapan

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes

Pró-reitor de Pós-Graduação: José Roberto O'Shea

Pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique
Vieira da Silva

Pró-reitor de Infra-Estrutura: João Batista Furtuoso

Pró-reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante

Centro de Ciências da Educação: Carlos Alberto Marques

Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol na Modalidade a Distância

Diretora Unidade de Ensino: Viviane Heberle

Chefe do Departamento: Rosana Denise Koerich

Coordenador de Curso: Maria José Damiani Costa

Coordenador de Tutoria: Vera Regina de A. Vieira

Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED

Coordenação de Ambiente Virtual: Hiperlab/CCE

Projeto Gráfico

Coordenação: Luiz Salomão Ribas Gomez

Equipe: Gabriela Medved Vieira

Pricila Cristina da Silva

Adaptação: Laura Martins Rodrigues

Equipe de Desenvolvimento de Materiais

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED

Coordenação Geral: Andrea Lapa

Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Material Impresso e Hiperímia

Coordenação: Thiago Rocha Oliveira

Revisão: Laura Martins Rodrigues

Diagramação: Marcela Goerll, Rafael de Queiroz Oliveira

Ilustrações: Felipe Oliveira Gall, Bruno Nucci

Revisão gramatical: Rosangela Santos de Souza

Design Instrucional

Coordenação: Isabella Benfca Barbosa

Designer Instrucional: Felipe Vieira Pacheco

*Copyright@2008, Universidade Federal de Santa Catarina
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida
e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade
Federal de Santa Catarina.*

Ficha catalográfica

L7329e

Lima, Ronaldo

Estudos Linguísticos I / Ana Cláudia de Souza, Ronaldo
Lima. - Florianópolis : LLE/CCE/UFSC, 2008.

106 p.

ISBN 978-85-61483-09-8

1. Linguística. 2. Língua portuguesa. I. Souza, Ana Cláudia de.

II. Título.

CDU 801

Catálogo na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca da UFSC

Sumário

Apresentação	7
Unidade A: A Ciência Lingüística	9
Introdução.....	11
1 Explorando Saberes Científicos	13
1.1 A Ciência.....	13
2 As Subáreas da Lingüística.....	17
2.1 A Lingüística: introdução.....	17
2.2 Fonética	20
2.3 Fonologia	23
2.4 Morfologia	25
2.5 Sintaxe.....	28
2.6 Semântica	31
Algumas Considerações Finais	35
Unidade B: A Fonética e a Fonologia	37
Palavras Preliminares	39
3 A Linguagem e sua Dupla Articulação.....	43
3.1 A Dupla Articulação da Linguagem	43
3.2 Retomando Algumas Informações Importantes	45
4 A Fonética	47
4.1 O Aparelho Fonador.....	48
4.2 Sons Vocálicos e Consonantais.....	49
5 A Fonologia.....	61
5.1 A Análise Fonológica.....	63
Considerações Finais a Respeito de Fonética e Fonologia.....	72

Unidade C: O Texto e a Leitura	75
Uma breve conversa.....	77
6 A Leitura.....	79
6.1 Leitura: o que é e como se desenvolve	79
6.2 Monitoramento em Leitura	84
Aprendendo a Ler e a Escrever: comentários finais.....	98
Reflexões Finais.....	101
Referências	103

Apresentação

Prezado estudante:

A disciplina de Estudos Lingüísticos I é efetivamente uma continuidade da disciplina Introdução aos Estudos da Linguagem, cujo objetivo foi propor o desenvolvimento de noções a respeito de língua e linguagem, visando aguçá-lo seu olhar à caracterização da linguagem humana, bem como à percepção e ao reconhecimento de sua complexidade como objeto de estudo.

Na presente disciplina, você vai ter a oportunidade de se aproximar de outros aspectos teóricos relativos à língua e à linguagem. Você poderá observar e refletir a respeito da importância das descrições dos fenômenos lingüísticos para o estudo das línguas estrangeiras e, também, para melhor compreensão de nossa língua materna, o português brasileiro.

Ao longo deste curso, insistiremos sobre a importância das pesquisas científicas, sobre o papel do pesquisador e, sobretudo, sobre a postura crítica que você, como estudante, poderá assumir de modo a aperfeiçoar seus estudos.

A disciplina está organizada em três unidades:

- Na primeira, apresentamos uma introdução ampla na qual discutimos questões relativas às concepções de linguagem e língua; ciência; lingüística geral e suas subáreas específicas, ressaltando o papel reflexivo, questionador e crítico que você deve exercer como estudante e pesquisador.
- Na segunda unidade, serão abordados aspectos peculiares à Fonética e à Fonologia. Para tanto, serão evidenciadas questões que lhe permitirão ampliar seu olhar crítico sobre os principais tópicos tratados por estes dois ramos dos estudos lingüísticos.
- Na terceira, por fim, serão tratadas questões referentes ao processamento em leitura e aos processos cognitivos implicados nesta atividade. Você será convidado a refletir sobre uma das principais questões que se coloca em Educação, ou seja: a emergência e o desenvolvimento do letramento em leitura. Como você bem sabe, o texto é o elemento de base para o processo de aprendizagem, prin-

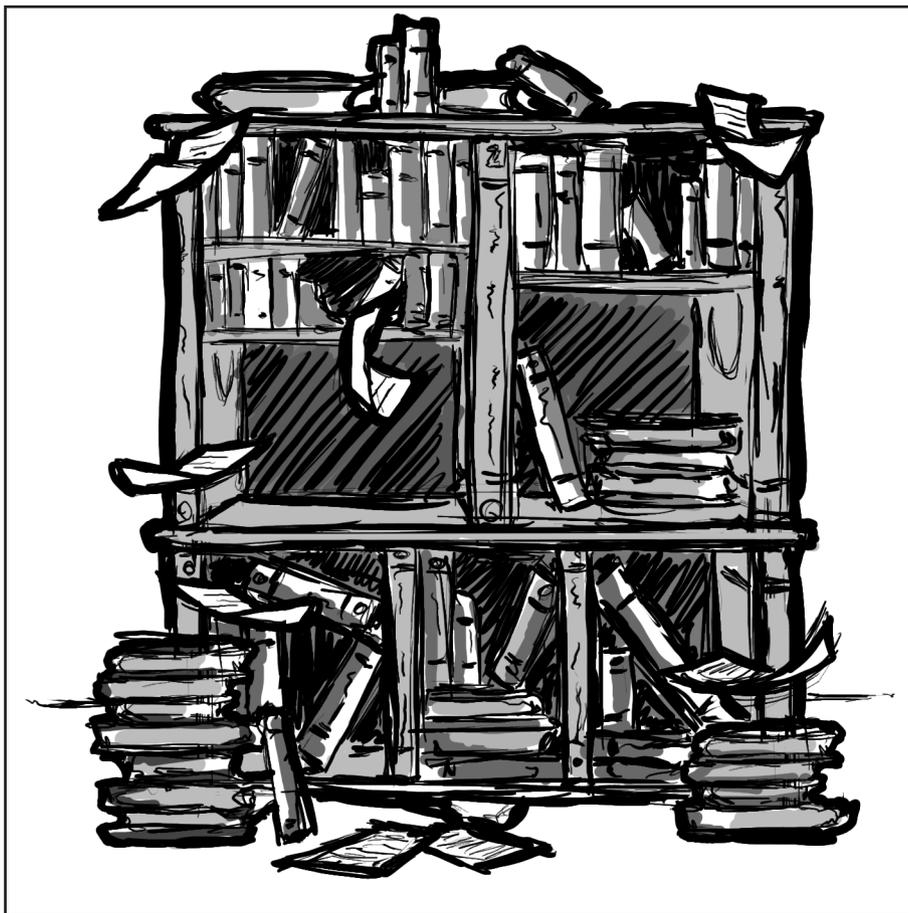
principalmente no contexto da educação formal. Assim, saber sobre leitura, sobre texto, é de suma importância à sua formação como leitor e, mais ainda, como estudante de Letras.

Em resumo, esperamos que você possa se apropriar dos temas tratados nesta disciplina e, de modo mais amplo, aproveite efetivamente os suportes gerais do curso, para que se torne, cada vez mais, um conhecedor da área de Letras.

Professores Ronaldo e Ana Cláudia

Unidade A

A Ciência Lingüística



Introdução

Prezado estudante, nesta disciplina vamos tratar de questões envolvendo objetos de estudo complexos, a saber: linguagem e língua. Observe que grande parte dos temas que serão evocados já foi mencionada ou discutida na disciplina *Introdução aos Estudos da Linguagem*. É interessante, se possível, que você relacione os temas abordados nas duas disciplinas.

Pois bem, linguagem e língua são, ambas, noções em constante investigação, isto é, não há estudos conclusivos sobre estes fenômenos lingüísticos; eles continuam sempre sendo examinados. Todavia, como você já pôde constatar, há muitas descrições importantíssimas realizadas com base em teorias científicas que nos permitem formar uma idéia sobre os processos implicados na linguagem humana e, particularmente, no funcionamento das línguas específicas, como é o caso da língua espanhola e da língua portuguesa que, particularmente, aqui nos interessam.

Por vezes, você poderá ter a sensação de que é difícil apreender todas as informações propostas pela Lingüística e, mais ainda, pelas Ciências afins, que se interessam, sob outras óticas, pelos mesmos objetos de estudo. Tranqüilize-se, pois, na verdade, nem mesmo os renomados pesquisadores conhecem todas as teorias e os aspectos por elas tratados. Todavia, é perfeitamente possível compreender as premissas gerais da Lingüística e mergulhar mais profundamente neste ou naquele tema específico que atraia seu interesse.

Tendo cursado a disciplina de *Introdução aos Estudos da Linguagem*, supomos que você tenha desenvolvido uma visão ampla sobre os estudos científicos e seus propósitos. No entanto, antes de abordar nossos temas centrais, é importante trazer novamente à tona alguns aspectos concernentes à Ciência.

Nossa discussão talvez não vá exatamente ao encontro da visão que você já formou, mas a discussão é sempre interessante. Saiba que, por vezes, são justamente os pontos de vista diferentes, as adversidades, o debate de idéias, que incitam a construção de novos saberes e que promovem os progressos científicos.

1 Explorando Saberes Científicos

Neste capítulo vamos discutir prioritariamente a concepção de Ciência.

1.1 A Ciência

Segundo Pedro Demo (2000), nenhum fenômeno tem contornos nítidos, muito menos os fenômenos sociais ou históricos. O cientista, em seu trabalho, encontra-se, pois, diante de grande *paradoxo*, visto que, ao mesmo tempo em que precisa delimitar seu objeto de estudo para tornar o fenômeno estudado mais claro, estes mesmos limites podem empobrecê-lo ou deturpá-lo. Assim, é necessário ter consciência de que as delimitações e eventuais *estratificações* são adotadas para responder às premissas da pesquisa científica; por exemplo, ao tratar de Fonética separadamente da Fonologia estamos tão-somente procurando otimizar nossa compreensão a respeito destes fenômenos.

Saiba então, caro estudante, que as divisões propostas no interior dos diversos ramos da ciência, que conseqüentemente conduzem à existência de disciplinas específicas, são necessárias para fins de organização dos estudos e para tornar os fenômenos pesquisados mais claros e passíveis de serem sistematizados e abarcados.

Efetivamente, os objetos não se constituem necessariamente do modo como são dissecados ou descritos pela ciência, mas quase sempre podem ser mais bem observados e compreendidos desta forma. As ramificações da ciência garantem a instauração dos fóruns necessários para que se constituam os diálogos entre especialistas deste ou daquele domínio, isto é, entre aqueles que mergulham na natureza de determinados fenômenos.

Você, estudante, precisa saber que o pesquisador empenha-se na definição científica dos fenômenos e possui consciência de que a definição bem feita é aquela que reconhece seus limites. Para realizar seu trabalho, em meio a uma *miscelânea* de suportes existentes e possíveis, o pesquisador geralmente opta por determinado percurso de estudo,

tomando como base o ponto de vista considerado mais adequado a seus objetivos. Muitas vezes, este “ponto de vista” está atrelado a uma ou mais teorias. Normalmente, trata-se de teorias de consenso amplo entre os pesquisadores que possuem interesses comuns. Isso permite as trocas de informação necessárias para o avanço da ciência.

Assim, na segunda unidade deste Curso, tente não se surpreender quando descobrir, por exemplo, que há diferentes possibilidades de classificação para uma mesma vogal. Isso ocorre, pois há muitas maneiras de caracterizar as vogais cientificamente. Uma classificação não é melhor que a outra. Trata-se simplesmente da descrição do mesmo objeto realizada sob ângulos distintos. Para tentar compreender, pense em uma situação em que você tenha que descrever o rosto de uma pessoa que não lhe é muito conhecida. Talvez você tenha apreciado este rosto somente de face ou somente de perfil. Naturalmente, você vai propor uma descrição muito específica, de acordo com seu ponto de vista. Esta é, evidentemente, uma situação coloquial que empregamos para estabelecer uma analogia. A diferença em ciência é que há critérios precisos a serem obedecidos; eles podem, porém, ser diferentes uns dos outros, dependendo dos pontos de observação, dos posicionamentos, das concepções.

Como existem vários suportes teóricos passíveis de serem adotados para abordar um mesmo objeto, decorre que um mesmo fenômeno poderá receber tratamentos diversos. Isto é, um mesmo aspecto poderá ser delimitado, observado e descrito de várias formas. Efetivamente, não há nenhum problema neste fato; o importante é que você possa identificar e compreender os seguintes aspectos:

- a. O prisma por meio do qual o cientista observa;
- b. Seu ponto de observação;
- c. Os limites por ele fixado em seu processo de análise;
- d. A delimitação do objeto de investigação.

Com base nessas referências, torna-se possível a compreensão dos fatos observados e descritos, bem como a garantia do diálogo pertinente e lógico entre os especialistas que estudam as mesmas questões ou que se interessam pelo estudo de fenômenos similares.

Você, como estudante em formação, a partir do momento em que perceber a consonância existente entre todos esses aspectos, disporá de subsídios básicos que o tornarão apto a formar seu olhar crítico, conduzindo-o à assimilação das premissas da pesquisa científica. Esta compreensão contribuirá para o desenvolvimento de sua autonomia como estudante e pesquisador. Progressivamente, você se sentirá introduzido no mundo da pesquisa e se alçará da categoria de leitor para a condição de autor de seus próprios trabalhos. Este momento é gratificante! Vá em frente!

O importante é que você perceba que a ciência sofre constantes evoluções. As mudanças são *inexoráveis* e geram progressos. Todavia, é relevante você saber, por exemplo, que os avanços em áreas exatas, como a Mecânica, a Química, obedecem a princípios diferentes daqueles que se verificam nas Ciências Humanas. Introduzir um novo componente em um engenho mecânico, como um veículo motorizado, pode promover avanços de várias ordens em suas características ergonômicas, em seu grau de convivialidade, em sua potência e desempenho ou em seu *design*. Um progresso em Lingüística, por sua vez, pode não provocar impacto imediato sobre este ou aquele objeto concreto, pois o objeto de estudo da Lingüística é, na verdade, uma “abstração”, mas representará uma contribuição para a própria Lingüística e para diversas outras ciências que utilizam seus conhecimentos, a exemplo da Educação.

O trabalho em alfabetização e leitura, que constitui o suporte de nosso processo educativo, recebe, a cada ano, melhor tratamento em razão das pesquisas em ciências humanas e, mais especificamente, em *Psicolingüística*. Leitura e Educação caminham juntas e constituem as bases para a geração de indivíduos letrados e, por extensão, de novos pesquisadores. Logo, você pode constatar que há uma grande *sinergia* a ser considerada, isto é, há um sistema de interdependências. As delimitações e isolamentos em ciência são aparentes. Os progressos de uma área dependem dos progressos realizados em uma outra.

Repetimos propositadamente: O aperfeiçoamento das pesquisas em Lingüística obedece a princípios diferentes daqueles que se operam nas ciências consideradas exatas, como a Mecânica, a Física, a Química. Cada ramo da ciência possui suas particularidades. Insistimos em afirmar que, via de regra, em Lingüística, nenhum objeto físico específico

está diretamente implicado. A Linguística trabalha prioritariamente sobre noções, conceitos, abstrações, teorizações, análises, possibilitando atingir melhor compreensão dos processos humanos. A Linguística nos leva a refletir diretamente sobre as bases necessárias ao progresso de outras Ciências que também trabalham para o nosso bem-estar.

A seguir, abordaremos alguns aspectos da Ciência Linguística. Lentamente, nos aproximaremos das questões específicas a serem consideradas nesta disciplina nas unidades B e C.

Saiba mais...

Você pode saber mais sobre ciência, conhecimento científico, metodologia do conhecimento, consultando as obras abaixo mencionadas. Neste momento, você não precisa ler estes livros para acompanhar os tópicos desta disciplina. Todavia, para progressivamente aprofundar sua visão sobre a pesquisa científica, você encontrará discussões muito interessantes e instigantes nestas obras:

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 2. Ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1990.

2 As Subáreas da Lingüística

Neste capítulo, vamos mergulhar na Ciência Lingüística e conhecer um pouco de seus níveis de análise, isto é, suas subáreas.

2.1 A Lingüística: introdução

Como você já sabe, a Lingüística é a Ciência que se dedica ao estudo da linguagem. Aceitamos que a linguagem, da maneira como a definimos para nossos estudos, é uma capacidade exclusiva à espécie humana, porém, sabemos que vários outros seres se comunicam e possuem espécies de “linguagens” que lhes são específicas. Já foi atestado que alguns animais e insetos, como por exemplo, os golfinhos e as abelhas, são capazes de estabelecer comunicação e, conseqüentemente, trocas de informação. Assim, podemos falar de “linguagem das abelhas” ou “linguagem dos golfinhos”. Todavia, como veremos ao longo desta disciplina, a complexidade da linguagem humana é única, isto é, ela possui algumas características que a tornam singular. Em resumo, a Lingüística, como Ciência, preocupa-se particularmente com o estudo da linguagem humana e com o funcionamento das línguas específicas.

A linguagem humana implica *cognição*, ou seja, envolve complexos processos mentais. Como tal, não pode ser examinada diretamente, tendo em vista que os processos mentais são impalpáveis, ou seja, não podem ser apreendidos diretamente, pois constituem abstrações.

Veja bem, abstrações não podem ser aprisionadas ou delimitadas. O que conhecemos a respeito da linguagem é resultado de estudos científicos realizados sobre suas manifestações: língua oral, escrita, gestual, etc. Em geral, são examinadas as manifestações lingüísticas individuais. Por meio das produções individuais, pode-se saber mais sobre a linguagem. Grande parte do que sabemos sobre o coletivo faz parte do agrupamento de estudos realizados sobre o individual.

A língua oral (fala) é uma manifestação da linguagem. Na mesma medida, a língua escrita é uma manifestação da linguagem, tratando-se

Conforme a terminologia empregada na disciplina de Introdução aos Estudos da Linguagem, a análise das subáreas pode também ser nomeada como microlinguística. Por microlinguística entende-se o estudo dos diferentes níveis de análise lingüística, ou seja, das subáreas nucleares da lingüística, quais sejam: Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica. Conforme Wedwood (2002), a microlinguística abrange também a lexicologia. Esta última, não explorada nesta disciplina de Estudos Lingüísticos I, objetiva a investigação científica do léxico.

(Ver DUBOIS; GIACOMO; GUESPIN et. Al. Dicionário de Lingüística, p. 367-378.)

1. Fonética
2. Fonologia
3. Morfologia
4. Sintaxe
5. Semântica

Quadro 1: Subdivisões ou subáreas da Lingüística

de uma representação da oralidade. A língua de sinais também é uma manifestação da linguagem. Poderíamos citar também o braile, mas acreditamos que você já compreendeu o que queremos dizer.

Nossa insistência sobre determinados tópicos é para que você possa elaborar uma idéia clara sobre algumas noções. Assim, quando tratamos de língua, estamos nos referindo, na mesma medida, à língua oralmente manifestada, à língua escrita, à língua de sinais, ao espanhol, se estendendo também ao italiano, ao tupi-guarani, enfim, a todas as línguas conhecidas. Isso nos leva a concluir que a língua, oralmente manifestada, constitui tão-somente mais uma entre as diversas possibilidades de manifestação.

Como já mencionamos acima, a linguagem humana se apresenta como um objeto de estudo científico de grande complexidade; assim, o estudo de seu funcionamento é realizado com todo rigor científico, tal como o fazem as demais Ciências.

Nas últimas décadas, de modo similar ao que ocorreu em relação aos outros domínios da Ciência, a Lingüística progressivamente se ramificou, ou seja, surgiram muitas *subáreas* para responder às necessidades dos avanços de suas pesquisas. De modo resumido, hoje é possível identificar, na tradição do trabalho lingüístico, muitas áreas de consenso geral. Vejamos, no quadro 1, ao lado, uma subdivisão possível para a Lingüística:

É importante sublinhar que as línguas em situação efetiva de uso não se organizam desse modo. Como já mencionamos, essas subdivisões se tornaram muito interessantes e importantes para fins de organização dos estudos, bem como para o enquadramento dos temas específicos no seio deste ou daquele patamar de análise em razão das afinidades entre temas.

Efetivamente, a língua é um fenômeno integrado e em harmonia. Em todo discurso, coexistem sons, significações, sentidos, todos compartilhando um mesmo lugar, de modo *sinérgico*. A construção do sentido, por exemplo, pode implicar fenômenos de ordem fonética, fonológica, morfológica, sintática; porém, como elemento específico, é estudada pela Semântica. Por sua vez, a Semântica não desconsidera necessariamente nenhum fenômeno não ligado diretamente ao estudo do sentido, mas concentra sua atenção sobre ele.

A divisão proposta anterior é interessante para nós, que nos lançamos nos estudos lingüísticos, pois permite abordar vários temas por afinidades; logo, de maneira mais clara.

Ao longo da disciplina, lembraremos, em vários momentos, que as fronteiras entre os ramos da Lingüística não são estanques e que, concomitantemente aos mergulhos em aspectos particulares, será necessário manter a visão de que nosso objeto de investigação foi destacado de seu meio, unicamente para fins de estudo. É em seu ambiente natural que ele experimenta e manifesta plenamente sua essência; algo como examinar os princípios da aerodinâmica de uma ave, sua estrutura óssea e suas funções orgânicas, sempre tendo consciência de que sua totalidade, como ser dentro do cosmos, realiza-se em seu vôo livre... em seu ambiente natural!



Figura 1: Totalidade do ser dentro do cosmos

Saiba mais...

Você pode se instruir mais sobre a Lingüística e suas subáreas ou áreas afins por meio da leitura das obras abaixo. Saiba, porém, que se trata tão-somente de indicações. Outras obras também lhe possibilitarão informações similares. Assim, use os livros que você já possui ou aqueles que estejam ao seu alcance. Caso sinta necessidade de mais suportes, você poderá ler:

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Lingüística II: princípios de análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTIN, Robert. *Para entender Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.

A seguir, vamos descrever brevemente cada uma das cinco áreas indicadas acima, na Figura 1. Logo após, na Unidade B, deter-nos-emos na discussão a respeito de Fonética e Fonologia.

2.2 Fonética

A subárea da Linguística que se dedica ao estudo da parte fônica da linguagem é chamada de Fonética. As bases que constituem este ramo da Linguística, bem como todos seus outros ramos, possuem um histórico, ou seja, aquilo que sabemos hoje a respeito da Fonética é resultado de uma série de reflexões e estudos anteriormente realizados. Aspectos desse histórico são sempre importantes para que seja possível formar uma idéia sobre a Fonética, tal como ela se apresenta no estado atual. Trata-se de bases gerais, aplicáveis ao estudo das diversas línguas conhecidas. Apesar de não ser possível abordar a fundo todos os aspectos estudados pela Fonética, alguns deles são fundamentais. Assim, na Unidade B, você será convidado a investigar alguns tópicos de modo detalhado.

Em resumo, a fonética preocupa-se com o aspecto físico da fala, isto é, dedica-se à investigação do material sonoro [fones] e de sua fonte de produção, deixando de lado a função do som como elemento de significação. A Fonética, mesmo já constituindo um ramo específico da Linguística, internamente possui algumas outras subdivisões. Vejamos:

2.2.1 Fonética Acústica

Interessa-se pela parte física dos sons da linguagem humana e das línguas específicas. A fonética acústica examina as características do som como vibração complexa. Busca explicações lógicas e científicas, por exemplo, para as características físicas de uma vogal ou de uma consoante presente em uma dada emissão sonora (fala).

Na Fonética Acústica, os sons são prioritariamente analisados com o auxílio de instrumentos especialmente concebidos para realizar uma série de tarefas. Esses aparelhos permitem ao cientista alcançar grande precisão nos detalhes de suas análises. Atualmente, boa parte dos instrumentos de análise acústica está informatizada, isto é, é aplicada por meio do computador (*hardwares* e *softwares*).

Neste ramo, o foneticista geralmente emprega métodos experimentais, ou seja, capta a fala natural por meio de um instrumento para gravação, converte-a, em seguida, da forma analógica (natural) para digital (numérica) e a examina por meio de programas informatizados de análise acústica. Torna-se, assim, possível, por exemplo, isolar uma vogal ou uma consoante e estudar suas características físicas (duração, amplitude, timbre, etc).

Na figura ao lado, você pode observar uma página extraída de um dos vários programas existentes de análise acústica. Nos quadros A e B (janelas superiores, esquerda e direita), visualizam-se as formas de onda das palavras *tonta* e *tona*; nos quadros C e D (janelas inferiores, esquerda e direita), observam-se seus respectivos espectrogramas. Programas deste tipo permitem, por exemplo, examinar detalhadamente, e de modo isolado, as

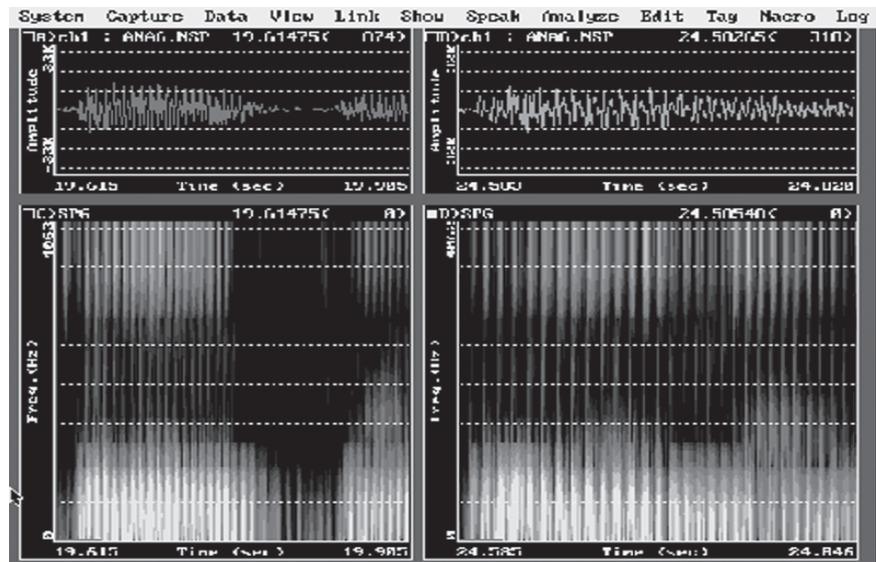


Figura 2: Imagem da análise de dois vocábulos: tonta e tona (SOUZA, 1998, p.54).

características físicas de uma vogal, de uma consoante, das interferências mútuas entre elas, determinar traços da produção oral de determinado indivíduo, além de vários outros tipos de análise (traços de entonação, de transição e interferências entre vogais e entre consoantes, etc).

A Fonética Acústica permitiu grande progresso em síntese e reconhecimento vocais, ou seja, tornou-se possível reproduzir artificialmente porções de fala (síntese) ou, inversamente, instruir um sistema informático para reconhecer porções emitidas naturalmente (reconhecimento).

A Fonética Acústica também possui algumas ramificações. Um exemplo interessante a ser citado é a Fonética Forense. O foneticista forense examina documentos sonoros gravados em fitas cassetes, Cds, mp3, etc., de modo a identificar parâmetros que permitam atestar que a voz gravada pertence a determinada pessoa. Para fazê-lo, adota métodos de perícia. Por isso, está ligada à área forense (de fórum). Por vezes, o foneticista

forense ultrapassa a análise da fala, dedicando-se, também, à investigação de outros elementos sonoros de ordem não lingüística, eventualmente, presentes em uma gravação. Assim, dialoga igualmente com a Física Acústica, a Informática, a Engenharia Elétrica e mesmo com outras áreas, como a Aviação, a Balística, dependendo do material a ser examinado. Por isso, neste caso específico, interessa-se também por outros aspectos anexos à fala (tosse, soluço, questões de patologias da linguagem, disfarces vocais, etc.). Desse modo, afasta-se, algumas vezes, da fonética da língua, constituindo uma subárea bastante específica e interdisciplinar.

2.2.2 Fonética Articulatória

Examina os sons do ponto de vista de sua produção. Para tal, considera toda a parte fisiológica (aparelho fonador) envolvida na produção dos sons da fala humana. Considera todos os mecanismos de produção da fala: a começar pela corrente de ar egressiva pulmonar (respiração), que passa pela laringe (fonação), faringe e, finalmente, pelas cavidades oral (articulação), nasal (ressonância) e labial, até os mínimos elementos que constituem estes órgãos e que participam na constituição dos sons.

A Fonética Articulatória também possui algumas ramificações, tal como a Ortofonia, voltada à retificação de problemas de ordem articulatória. Muitos fonoaudiólogos concatenam conhecimentos da fonética articulatória, da anatomofisiologia, da psicologia, da neurologia, no auxílio aos exercícios ditos de ortofonia. Sabemos, por exemplo, que, para produzir um som [f], é preciso tocar levemente o lábio inferior nos dentes superiores, forçar o ar dos pulmões para a cavidade oral e, finalmente, provocar uma fricção no ponto de contato entre lábio e dentes. Para produzir um [v], realizamos o mesmo processo, com uma pequena diferença: fazemos vibrar nossas cordas vocais. Estes conhecimentos são, todos, de grande importância para os especialistas em fonética e aquisição da linguagem, fonoaudiólogos, professores de língua estrangeira, alfabetizadores, etc.

Atividade

Coloque a mão espalmada em seu pescoço, logo abaixo do queixo (onde nos homens há o chamado “Pomo de Adão”). Experimente pronunciar re-

petida e lentamente: [p] - [b] - [p] - [b] - [p] - [b] - [p] - [b]... Dizemos que o primeiro é surdo e o segundo sonoro.

Provavelmente, você não conseguiu perceber nitidamente a diferença entre um e outro som no que diz respeito à vibração das cordas vocais, pois em português pronunciamos essas consoantes acrescentando uma vogal a elas [pe-be]. Ora, as vogais exigem sempre a vibração das cordas vocais, e você pode se ter confundido.

Agora, tente novamente, empregando a mesma técnica ao pronunciar lentamente os pares de sons [s] - [z], ou [x] - [j]. Alongue por alguns segundos a produção deles. Nestes casos, como se trata de consoantes fricativas, não é preciso acrescentar vogal de apoio. Assim, percebe-se claramente a ausência ou a presença de vibração das cordas vocais. Quando vibram mais intensamente, temos a impressão de que há uma abelhinha barulhenta em nossa garganta. Como nestes sons não ocorre a explosão final das oclusivas, os pares podem ser alongados e diferenciados pela vibração das cordas vocais mais nitidamente.

Nas possíveis divisões da Fonética temos ainda:

- **Fonética Comparada:** que estuda as semelhanças e oposições entre duas ou mais línguas.
- **Fonética Auditiva/Perceptiva:** que examina os processos de percepção dos sons da linguagem pelos seres humanos, tais como os mecanismos envolvidos no reconhecimento de uma sílaba acentuada, a recepção da amplitude, da frequência ou a combinação desses parâmetros.

2.3 Fonologia

Como a Fonética, a Fonologia também se preocupa com os sons da linguagem, voltando-se particularmente ao estudo das funções dos sons de uma determinada língua. Distingue-se da fonética a partir do momento em que se preocupa com a função dos sons e das relações que se estabelecem entre eles no âmbito de uma língua específica, isto é, ocupa-se da função dos sons na transmissão de mensagens, deixando para a Fonética a análise dos aspectos de concretização, uso dos sons.

Como vimos anteriormente, a Fonética ocupa-se do aspecto físico, material, deixando de lado a função do som como elemento de significação. Tome essa diferença como base quando pensar em uma distinção clara entre Fonética e Fonologia.

Considerando um conhecido exemplo do português brasileiro, observamos que, para a Fonética, nas pronúncias da palavra “tia”: [txia] e [tia] há dois fones bem diferentes entre si, a saber: [tx] e [t]. No entanto, para a Fonologia do português, estes dois sons possuem valor idêntico. No modo de falar do carioca, por exemplo, [tx] ocorre somente diante da vogal [i]. Por sua vez, o [t] ocorre em todos os demais contextos. De modo geral, compreendemos perfeitamente a que se refere à palavra “tia”, mesmo que pronunciada de um ou outro modo, isto é: [txia] e [tia]. Ambas as pronúncias remetem ao mesmo referente: ou irmã de meu pai, ou irmã de minha mãe, ou ainda esposa do tio, entre outros tantos possíveis significados.

A Fonologia observa o aspecto interpretativo dos sons, sua estrutura funcional nas línguas (Cagliari, 1995), ou seja, o som como parte de um sistema. Ela observa a maneira como os sons se organizam de modo a formar enunciados. Quando um som é utilizado para distinguir palavras, ele é chamado de fonema da língua. Por exemplo, em uma palavra como [pá], se houver troca do [a] por [é], teremos uma nova palavra [pé]. Neste caso, [pá] e [pé] possuem significados diferentes. A partir deste ensaio, os sons [á] e [é] serão considerados como dois fonemas distintos, que fazem parte do repertório dos fonemas do português brasileiro.

Cada língua possui seu próprio repertório de fonemas. O português, por exemplo, utiliza 33 fonemas, sendo 12 vogais, 19 consoantes e 2 semivogais. Há ainda o acento, que no caso do português constitui um traço distintivo. Isso fica claro em palavras como “sábua”, “sabia”, “sabiá”, ou “fábrica” (local de produção) e “fabrica” (do verbo fabricar). Você pode treinar buscando outros exemplos como: vira/virá, para/Pará, cera/será, entre tantos outros.

No que se refere ao espanhol, não existe unanimidade sobre o número exato de elementos que formam o repertório de fonemas desta língua. Entretanto, para fins de estudo e para não polemizar a questão, podemos dizer que o repertório comumente aceito e estabelecido, por

autores muito respeitados, indica um total de 24 fonemas, sendo 5 vogais e 19 consoantes.

Salientamos que o número de fonemas de uma língua não caracteriza superioridade ou inferioridade linguística. O importante é que os falantes desta língua possam exprimir suas idéias e sentimentos com os recursos que possuem.

Veremos que nas *transcrições* distinguimos os fonemas dos fones/sons por meio da utilização de barras oblíquas e de colchetes. Assim, respectivamente, [tx] será considerado como um som ou fone do português e /t/ como um fonema. Mais abaixo, você verá que há uma convenção para a representação dos sons. O [x], por exemplo, será representado sempre por um símbolo específico: [ʃ].

Se por ventura você não conseguiu compreender os exemplos e a terminologia empregada até aqui, não se preocupe; o assunto será retomado ao longo desta disciplina, pois Fonética e Fonologia constituem os tópicos centrais de nossa Unidade B.

2.4 Morfologia

Em sua origem grega, Morfologia significa estudo da forma: *morfo* (forma) e *logia* (teoria, estudo). Dado seu significado básico e geral, a palavra Morfologia é também utilizada em outras Ciências. Evidentemente, interessa-nos aqui seu uso no âmbito da Lingüística.

Segundo Cagliari (1995), a Morfologia é um ramo da Lingüística que estuda o signo reduzido à sua expressão mais simples (morfemas). Investiga assim a combinação entre morfemas, formando unidades maiores, como a palavra e o *sintagma*.

Esta subárea da Lingüística se ocupa das menores unidades de forma com significado específico, ou seja, cada morfema é indivisível em unidades significativas. Seu foco de análise é a estrutura interna das palavras, os elementos que a constituem: os morfemas.

Quanto à noção de palavra, considere o que você conhece implicitamente como palavra, pois é bastante complexo estabelecer critérios para defini-la

teoricamente. Podemos dizer que a palavra é a menor unidade linguística com mobilidade, ou seja, é possível movimentá-la na frase, alterar sua posição. Isso não acontece com o morfema, a não ser que ele seja promovido, a exemplo de palavras de apenas um morfema, como é o caso de “sim”.

Para que você possa compreender melhor o que é morfema, vejamos um exemplo. Na palavra *mesas* existem dois morfemas: “*mesa*”, que constitui o que chamamos de base ou raiz, e “*s*”, morfema gramatical, que carrega a marca de número (plural), logo, possui uma significação. Contrariamente, a seqüência “*sas*” não é um morfema, porque não chega a ter um significado linguístico em português. Reiteramos para que você possa fixar:

O morfema é definido como a menor unidade com significado específico. Cada morfema é indivisível em unidades significativas e possui significação particular.

Eis um outro exemplo. A palavra “*mesinhas*” tem três morfemas: *mesa* + *inha* + *s*. O morfema “*inha*”, nesse contexto, remete à noção de “diminutivo” (que não necessariamente quer dizer “menor”). Todas essas três unidades, se forem reduzidas mais do que já o fizemos, perderão significação.

Observe que esses morfemas se ligam habitualmente de modo regular, tornando teoricamente possível definir a existência de um número finito de morfemas em uma determinada língua, que constituiriam os elementos utilizados para compor palavras.

Os morfemas são unidades de forma e sentido. Assim, para estudá-los é preciso considerar os aspectos ligados tanto à sua forma quanto ao seu funcionamento e sentido, ou seja, de que modo se combinam e organizam nossa maneira de exprimir a realidade.

Na análise morfológica, geralmente, consideram-se a forma, o sentido e a distribuição. A primeira tarefa da análise morfológica compreende a observação de grupos de palavras (duas ou mais) que se apresentam em oposição parcial de forma e conteúdo.

Exemplo: *belos* e *belas*

Opera-se, então, a comutação com a intenção de examinar se estes elementos diferentes provocam alguma alteração de sentido, apesar da manutenção dos elementos recorrentes. No exemplo acima, a troca de “o” por “a”, além de alterar parcialmente a forma, altera o sentido. No primeiro caso, tem-se a indicação de gênero masculino e, no segundo, de gênero feminino. Há que se considerar ainda, em termos de distribuição, que o morfema indicador de gênero em português é sempre sufixal, isto é, situa-se posteriormente à raiz, ocupando a penúltima posição na palavra, antes apenas do morfema de número.

A forma dos morfemas pode ser variável, dependendo do contexto de ocorrência. Um dos morfemas indicadores de negação em português é o “in”. Ele é sempre prefixal, e sua forma varia, podendo apresentar-se como “in” ou “i”, conforme se pode observar nos exemplos a seguir:

feliz – infeliz

grato – ingrato

hábil – inábil

real – irreal

mortal – imortal

legível – ilegível

natural – inatural

Examinado um grande número de ocorrências, chega-se à conclusão de que “i” surge antes de “l, r, m, n”, e “in” ocorre nos demais contextos.

Trata-se de formas variantes de um mesmo morfema, cada uma delas é um morfê. Os morfes que representam um mesmo morfema são chamados de alomorfes. Eles sempre se apresentam em distribuição complementar, o que significa que onde ocorre um morfê, não ocorre o outro. O condicionamento de distribuição dos morfes pode ser fonético ou propriamente morfológico. Se a escolha entre os alomorfes depender do contexto sonoro, diz-se que houve condicionamento fonético. Este é o caso do plural de palavras como “bar – bares”. Emprega-se “es” em respeito à

constituição silábica do português, uma vez que não existe nesta língua a seqüência intra-silábica “rs”. O condicionamento morfológico acontece quando não se pode explicar a alomorfa pelo contexto fonético.

2.5 Sintaxe

Sintaxe é uma palavra que tem sua origem no grego, formada a partir da preposição *sun* (com), que marca a idéia de reunião no espaço ou no tempo, e *taxis*, que significa em sua origem: ordem, organização.

Para nós, em sua definição primeira, a Sintaxe é o ramo da Lingüística que examina os processos de geração e combinação das frases das línguas com o objetivo de determinar seu funcionamento e sua estrutura interna. Todavia, entende-se que a Sintaxe também pode considerar estruturas menores. Assim, esta subárea procura igualmente abordar questões referentes à relação linear entre morfemas (releia a definição de morfema, no tópico que trata da morfologia) ou entre vocábulos, isto é, a Sintaxe analisa igualmente a maneira como os morfemas e as palavras se combinam para formar palavras e sintagmas, respectivamente. Sob a ótica gramatical mais ampla, os estudos sintagmáticos recaem assim sobre três patamares principais, a saber:

1. A palavra - que constitui o elemento de base, como no exemplo “mesinhas” analisado anteriormente, composto de: mes(a) + inha + s.
2. O sintagma (ou grupo) - que é a unidade intermediária (sintagma nominal ou verbal, etc.). Exemplo: “a venda de mesinhas amarelas”.
3. A frase - elemento superior da sintaxe: “João vende mesinhas amarelas”.

A Sintaxe estuda tanto as relações entre as formas elementares do discurso (palavras e sintagmas), quanto as regras que presidem a ordem das palavras no processo de construção das frases de uma língua.

2.5.1 O Estudo das Frases

Para estudar as frases, é necessário partir de enunciados. Para obtê-los, podemos empregar métodos distintos:

1. A observação (estudo de corpus);
2. A intuição;
3. A elicitación.

O pesquisador emprega a intuição e a elicitación a fim de verificar a gramaticalidade dos enunciados.

(*) Os gatos come as ração.

Os gatos comem a ração.

Na determinação da gramaticalidade ou agramaticalidade de uma frase, podemos recorrer às prescrições, isto é, recorrer às normas ditas pelas gramáticas normativas. Já a aceitabilidade ou a inaceitabilidade é, normalmente, intuitiva; logo, é definida em razão da consideração dos três métodos mencionados. As razões para se aceitar ou rejeitar um enunciado podem ser de ordem sintática ou semântica. O pesquisador, por vezes, precisa reconhecer a pluralidade de julgamentos, pois enunciados rejeitados por alguns usuários da língua podem ser aceitos por outros. Vejamos alguns exemplos:

Lígia dirige seu carro.

O elefante dirige seu carro.

A primeira frase será provavelmente aceita. A segunda apresenta um problema, pois “um elefante” não pode dirigir um carro. Todavia, trata-se simplesmente de um problema semântico/pragmático, que nem existiria se estivéssemos, por exemplo, em um contexto de uma peça de teatro para crianças, na qual os animais adquirem traços humanos.

Insistimos então que a agramaticalidade é um fenômeno diferente. A agramaticalidade concerne às dimensões formais da gramática, como por exemplo: a ordem dos elementos, o acordo de gênero e número, etc.

Em Sintaxe, geralmente se coloca um asterisco () antes da frase para marcar um enunciado agramatical, isto é, que não esteja de acordo com as regras da gramática da língua padrão.*

Vejam os exemplos abaixo:

* *Os elefante dirige seu carros.*

Quando houver dúvidas em relação à gramaticalidade ou à aceitabilidade de um determinado enunciado, é recomendável que se utilize um ponto de interrogação no lugar do asterisco.

(?) *Carros seus sem direção dirigem os elefantes.*

2.5.2 Língua Escrita e Língua Oral: Problemas de Ensino

De modo bastante geral, na tradição escolar, grande parte dos alunos manifesta algum tipo de aversão à tarefa de estudar português ou línguas estrangeiras. Ora, no caso do português, trata-se da língua que falamos no cotidiano, em todas as situações de comunicação oral e escrita. Pode-se supor que não há exatamente recusa à língua, mas eventualmente às práticas empregadas para o estudo e o ensino da língua, estendendo-se também ao estudo das línguas estrangeiras.

Problemas como a dislexia são identificados, estudados, tratados, porém, não há tratamentos específicos para lidar com alunos que apresentam problemas de aversão ao estudo língua proposta na escola. Provavelmente, não há uma única razão e tampouco ela pode ser caracterizada como simples. Seja como for, é importante que o professor de língua, seja ela materna ou estrangeira, possa compreender as necessidades de se estabelecerem laços entre a escrita e a oralidade, esta última compreendida no espaço de interlocução amplo, no qual coexistem usos diversos de língua.

Como prolongamento de nossas práticas escolares, por vezes, imaginamos que os estudos sintáticos recaem sempre sobre a língua escrita. Evidentemente, a língua escrita dos textos acadêmicos é quase sempre mais extensivamente trabalhada, em termos de precisão e estilo. Além disso, na escrita temos marcadores que auxiliam a identificar fronteiras entre frases. As frases empregadas para estudo geralmente são selecionadas, promovendo alguma certeza de que correspondem à língua padrão.

Todavia, você deve ter percebido que empregamos muito mais a língua oral na maior parte das situações do que a língua escrita. Os lin-

güistas, de modo geral, aceitam a tese da primazia do oral sobre o escrito. Esta constatação, por si só, justificaria os imensos esforços realizados no sentido de procurar descrever e entender melhor a estrutura e os fenômenos gerados na modalidade oral.

É muito importante saber que há fenômenos da oralidade que não respondem às exigências da língua padrão, mas que poderiam ser explicados por meio de instruções sintáticas e semânticas. Por exemplo, você já deve ter escutado frases como:

A gente jogamos bola.

Nesta frase simples, o verbo deveria ter sido flexionado na terceira pessoa do singular. Todavia, o sujeito “a gente” foi interpretado como sendo plural, isto é, considerou-se que “a gente” comporta mais de uma pessoa e que, portanto, engloba a noção de plural. Assim, exigiria um verbo flexionado também no plural. Em suma, há nesta frase uma grande preocupação com o acordo de número; entretanto, a língua padrão oferece um outro modelo de referência: o pronome “nós”. De acordo com a gramática desta variedade lingüística, não se aceita a forma exemplificada.

2.6 Semântica

A Semântica é o ramo da lingüística que estuda o significado, bem como as questões anexas que participam em sua composição. Os semanticistas são os profissionais que atuam neste domínio e que se interessam pela natureza, função e usos dos significados manifestados nos jogos formados pelos diversos componentes que compõem as esferas da língua e da linguagem. A Semântica possui assim objetos de estudo diversificados, a saber:

- Estudo do significado das palavras: simples, compostas e de expressões;
- Relações entre as palavras (homonímia, sinonímia, antonímia, polissemia, hiperonímia, hiponímia, ambigüidade, vagueza, etc.);
- A distribuição dos actantes nos enunciados;

- As condições de verdade em um enunciado;
- A análise crítica do discurso; etc.

A Semântica é um campo de estudos amplo, intimamente imbricado com todos os outros domínios da lingüística, tendo em vista que o significado é um componente indissociável da própria idéia de língua. Para fins de pesquisa, dependendo das concepções adotadas relativamente às noções de língua e linguagem, poderá ser muito difícil, ou até mesmo inviável, estabelecer fronteiras estanques, por exemplo, entre Semântica e Sintaxe, entre Semântica e Pragmática ou entre Semântica e Lexicografia. O significado constitui um componente essencial na constituição da língua, permeando, assim, toda sua essência e aflorando em todas as suas manifestações.

A Semântica suscita grande interesse de pesquisadores de várias áreas, sobretudo pela interface que mantém com outras ciências. A Lexicografia, por exemplo, emprega uma série de noções da Semântica para tratar do significado das palavras.

Nesta sessão, por questões de delimitação e com intenção introdutória, vamos nos limitar a tratar de questões ligadas à Semântica Lexical, isto é, abordaremos alguns aspectos diretamente ligados ao estudo do léxico e pertinentes nas atividades de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

2.6.1 A Homonímia, a Polissemia e Sinonímia

Do ponto de vista da forma escrita, quando as palavras possuem a mesma grafia são chamadas de homógrafas (Ex.: *manga* de camisa e pé de *manga*). Do ponto de vista da forma sonora, quando são pronunciadas de modo idêntico pelo mesmo falante, são chamadas de homófonas (Ex.: *seção/sessão*; *concerto/conserto*).

Dizemos que estamos diante de homônimos, quando há a mesma forma oral e/ou escrita com sentidos diferentes:

Juan foi à feira. (verbo *ir*)

Juan foi casado. (verbo *ser*)

Todas as línguas conhecidas apresentam grande número de homônimos. Trata-se de uma característica comum às línguas e, geralmente, somente quando realizamos estudos mais aprofundados é que percebemos alguns destes fenômenos. Eis mais um exemplo:

*Acessar a **página** de EaD.*

*Abrir uma **página** do dicionário de espanhol.*

*Virar mais uma **página** da vida.*

Do ponto de vista da Semântica, quando uma mesma forma apresenta vários sentidos, estamos diante do fenômeno da polissemia, isto é, vários sentidos possíveis.

*A **roda** do carro foi retirada. (aro com pneu)*

*O garoto **roda** seu brinquedo. (do verbo rodar, girar)*

*Formaram uma **roda** de samba. (um grupo de pessoas)*

Algumas palavras podem ter dezenas de sentidos. Há lingüistas que aceitam a tese de que a polissemia está relacionada com o princípio da economia lingüística, isto é, os falantes fariam o reaproveitamento de formas já existentes no processo de comunicação, de modo a evitar a criação de mais uma palavra a cada vez que surge a necessidade de nomear um novo objeto, uma nova entidade ou conceito.

Como vimos, a linguagem humana se caracteriza por uma série de particularidades. Não há, por exemplo, relação unívoca entre forma e sentido. Deste modo, assim como formas idênticas podem ter sentidos diferentes, também formas diferentes podem possuir sentidos idênticos ou similares. Quando isto acontece, estamos diante do fenômeno conhecido por sinonímia. Eis um exemplo:

Ela fala espanhol

corresponde a

Ela fala a língua de Cervantes.

Quando nos referimos à “língua de Cervantes”, estamos nos referindo ao “espanhol”. Temos, pois, uma unidade lexical e uma expressão, ambas com sentidos praticamente idênticos, isto é, remetem o leitor a

uma mesma noção. Uma relação similar poderia ser proposta em relação à “língua alemã” ao chamá-la de “língua de Goethe”, ou ainda fazer referência à torcida do flamengo por meio do emprego da forma: “a torcida rubro-negra”. Evidentemente, do ponto de vista estilístico, empregar uma ou outra forma pode gerar imensa diferença. É muito interessante que se tenha a opção de escolha, sobretudo em função do gênero empregado: literário, poético, político, etc.

2.6.2 Hiponímia e Hiperonímia

Partindo das unidades *gato*, *lebre* e *animal*, observamos que *gato* e *lebre* podem, ambos, ser relacionados a *animal*. Podemos dizer então que *gato* e *lebre* são hipônimos de *animal*. Por sua vez, *gato* e *lebre* são co-hipônimos, isto é, estão situados no mesmo patamar dentro desta distribuição específica.

As hierarquias podem, evidentemente, variar segundo os critérios adotados em determinada categorização. O professor pode determinar seus próprios critérios e, por extensão, suas próprias hierarquias para realizar seu trabalho em sala de aula. Por exemplo, falar de *tamareira* pode, em alguns contextos, gerar incompreensão por tratar-se de um tipo de árvore que não existe no Brasil. Podemos, neste caso, buscar maior generalização trocando de patamar e falando de *palmeira*. Se não for suficiente, podemos buscar outro nível e falar em *árvore* ou em *árvores que geram as tâmaras*, que por sua vez são frutos mais conhecidos. Fato similar pode acontecer em relação às cerejeiras e oliveiras, que são as árvores que geram respectivamente as cerejas e as azeitonas. À medida que ascendemos na direção de patamares mais gerais, encontraremos os hiperônimos.

Como toda disciplina, a Semântica desenvolve-se em consonância com os métodos científicos, todavia, diferentemente da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe, disciplinas nas quais há acordos relativamente gerais e de consenso quanto à unidade de análise, a Semântica possui várias abordagens, sobretudo em razão do vasto leque de estudos que abarca. Como já assinalado, a Semântica considera desde o significado das palavras, passando pela frase e pelas relações semânticas que se estabelecem entre elas no discurso. A Semântica interessa-se ainda pelas relações pragmáticas que examinam os jogos implicados no uso da linguagem, em situações variadas.

Saiba mais...

Há muitas teorias e modelos e abordagens a serem conhecidos. Sugerimos a você, neste momento, que estude noções introdutórias que lhe permitam progressivamente se lançar em questões mais aprofundadas. Para fazê-lo, é interessante que, inicialmente, você busque referências em obras de introdução à Lingüística, que abarcam as principais noções da semântica. Pesquise, por exemplo em:

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 6. ed., v.1. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTIN, Robert. *Para entender Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003.

Algumas Considerações Finais

Nesta unidade, retomamos alguns temas que já haviam sido tratados na disciplina *Introdução aos Estudos Linguagem*, procurando oferecer dados e conhecimentos teóricos que possibilitem o entendimento amplo da área de atuação e dos objetos de investigação da Lingüística.

Nossa intenção maior foi a de promover reflexões teóricas a respeito da língua de modo a poder criar condições para a compreensão das áreas de conhecimento a serem abordadas mais detalhadamente na Unidade B, quais sejam: Fonética e Fonologia. Além disso, o entendimento do campo de atuação do profissional da área de Letras permite que você possa se situar devidamente e tomar suas próprias decisões relativas à sua inserção na área.

Na próxima unidade, como você sabe, nossa conversa estará centrada em aspectos relativos às menores unidades analisáveis da língua: o som concreto (fone) e a unidade abstrata (fonema).

Vamos lá, então!

Glossário Relativo à Unidade A

Cognição: relativo ao processo mental de pensamento, percepção, memória, aprendizagem e recordação (STERNBERG, 2000).

Estratificação: operação que, numa sondagem, consiste em distribuir previamente por estratos (camadas, parcelas, níveis) determinados conjuntos que se quer estudar (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1261).

Inexorável: a que não se pode subtrair; fatal; inelutável. Antônimo: permanente. (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p.1611).

Miscelânea: conjunto de coisas diferentes; mistura (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1933).

Paradoxo: aparente falta de nexos ou lógica; contradição; proposição ou opinião contrária à comum (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p.2127).

Psicolinguística: área interdisciplinar da Linguística que se volta ao estudo dos processos cognitivos, sobretudo àqueles ligados à aquisição, ao processamento, à compreensão e à produção da linguagem. Investiga tanto as relações entre pensamento e linguagem quanto os processos envolvidos no uso da linguagem, tais como sistemas de memória.

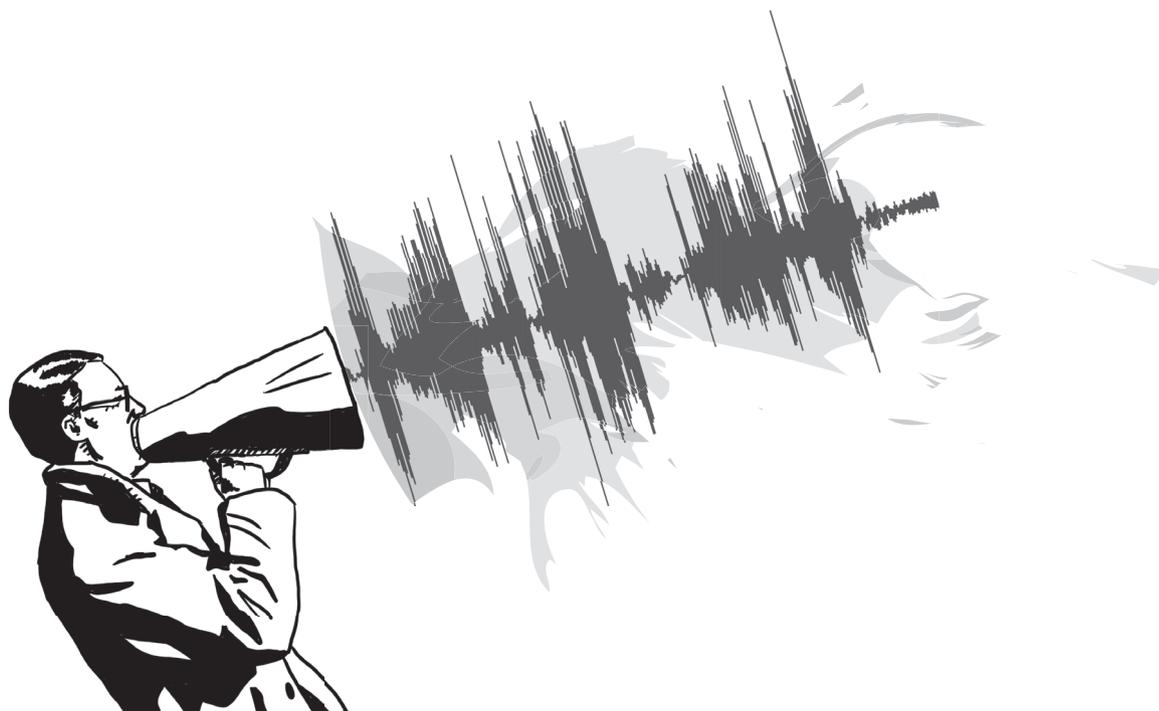
Sinergia: cooperação; coesão; ação coordenada (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2579).

Sintagma: segmento lingüístico que expressa relação de dependência. Há um elemento independente (que impera) e um elemento dependente (ou subordinado). Cada um deles constitui um sintagma. Geram-se, neste processo, relações de subordinação.

Transcrição: correspondência segmento a segmento entre as unidades da língua falada e as unidades gráficas. Em termos fonéticos e fonológicos, a transcrição faz corresponder aos fones ou fonemas das línguas símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (DUBOIS; GIACOMO; GUESPIN et. al., 1998, p. 594).

Unidade B

A Fonética e a Fonologia



Palavras Preliminares

Nossa segunda unidade é dedicada ao estudo dos componentes fonético e fonológico. Em seu desenvolvimento, serão abordados alguns aspectos amplos concernentes à linguagem, ou seja, àquilo que é comum a todos os seres humanos, e também fatos ligados às línguas específicas.

Você sabe que há indivíduos que possuem variações de ordem *anatomofisiológicas* ou, às vezes, de natureza *neurológica* que os diferenciam das configurações mais freqüentes, julgadas “comuns ou normais”, tal como a fala articulada. Essas particularidades, por vezes, provocam manifestações lingüísticas singularizadas, ou seja, “diferentes”. As necessidades provenientes de tais variações fazem emergir formas de expressão alternativas àquelas que comumente conhecemos e utilizamos. Um exemplo bem conhecido é a linguagem de sinais. Há milhares de pessoas que a praticam por terem nascido com especificidades que as impedem de se manifestar da maneira mais corrente e conhecida pela maioria. Todavia, as pessoas que usam este código não estão privadas nem da linguagem e nem do uso das línguas, simplesmente o fazem de modo diferente. Se você ainda não conhece nada a respeito, procure se informar mais sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Saiba mais...

Acesse o site abaixo e procure seus *links*. Você vai encontrar muitas informações sobre LIBRAS.

<http://www.ead.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/>

Os indivíduos que não possuem nenhuma patologia ligada à linguagem usam os ditos “sons da língua”. Na verdade, poderíamos falar também em “sons da linguagem”, pois, em primeira instância, muitos sons podem ser considerados comuns a todos os seres humanos. Pense, por exemplo, nos bebês. Desde os seus primeiros dias de vida, os bebês emitem sons. Estes sons, para fins de estudo, podem ser considerados como pertencentes à linguagem humana. Somente a partir do momento

em que os bebês passam a fazer referência a situações do seu cotidiano, aos objetos que os circundam, na intenção de se comunicar, estarão, progressivamente, adquirindo e empregando uma língua específica. Obviamente, a língua que desenvolverão é aquela falada por seus entes mais próximos, seja ela qual for: espanhol, português, tupi-guarani, etc.

Como já estudamos, a Lingüística quase sempre exclui do rol de seus interesses os sons não pertencentes à língua ou à linguagem humana, tais como: tosse, ronco, soluços. Tudo depende dos limites que se estabelecem em relação àquilo que se quer investigar.

Fonética e Fonologia são duas áreas complementares. Assim, é muito difícil tratar de Fonética sem fazer menção a questões de ordem fonológica e vice-versa. O estudo da produção articulada de toda e qualquer língua passa obrigatoriamente pela descrição fonética e fonológica.

Apesar de a Fonética se dedicar à identificação e classificação dos elementos da cadeia da fala, é importante lembrar que os sons examinados pela Fonética fazem parte de um fluxo sonoro.

A fala se desenvolve sob a forma de um fluxo sonoro. Assim, por exemplo, ao ouvir uma língua desconhecida como o mandarim (falado por grande parte dos chineses), você provavelmente não conseguirá determinar fronteiras entre palavras, pois na língua falada (textos orais) não existem espaços entre palavras ou unidades de sentido. Você pronuncia efetivamente [ascazamazarelas] ao dizer “as casas amarelas”. Comparativamente, nos textos escritos há espaçamento explícito entre palavras, expressões, frases ou períodos, realizados com os suportes gráficos que você conhece, ou seja: espaçamento, ponto final, vírgulas, travessão. Se você gravar uma língua em situação normal de uso e inseri-la em um sistema de análise acústica, o fato ficará mais evidente. Não será possível definir fronteiras entre palavras ou entre unidades de sentido. Para fazê-lo, você precisará conhecer a fundo a língua examinada. Mesmo em se tratando do português brasileiro, nosso sistema auditivo recebe um fluxo sonoro contínuo.

A oposição entre Fonética e Fonologia faz parte de uma convenção que permite tornar o objeto de estudo mais claro. Assim, a fonética estuda a substância da linguagem oral de modo a contribuir para uma melhor compreensão da forma (definida por sua função comunicacional).

Antes de nos aprofundarmos em Fonética e Fonologia, é de extrema importância tratar da dupla articulação da linguagem. É justamente na compreensão desta noção que se situa uma das grandes curiosidades a respeito do funcionamento da linguagem humana. Suponha a existência de um extraterrestre que viesse visitar nosso planeta, a Terra. Talvez a dupla articulação da linguagem fosse o ponto que mais o interessaria a respeito das bases de nosso sistema de comunicação.



Figura 3: Ilustração da dupla articulação da linguagem humana

3 A Linguagem e sua Dupla Articulação

Neste capítulo, trataremos de compreender a dupla articulação da linguagem humana.

3.1 A Dupla Articulação da Linguagem

Como já destacamos, a linguagem humana possui algumas características muito particulares que a singularizam, isto é, que a distinguem das outras formas de comunicação. A linguagem humana compõe-se de um sistema de signos (sonoros, gestuais, gráficos) empregados como meio de comunicação para a expressão de idéias e sentimentos. Evidentemente, ela tem muitas outras funções; entretanto, nos deteremos na função comunicativa por ora.

Como você já sabe, na linguagem há sempre relações de composição entre unidades de níveis diferentes. Por exemplo, a frase é composta de sintagmas que, por sua vez, são compostos de vocábulos, que são compostos de morfemas, que são compostos por fonemas. Este tipo de análise é chamado de análise dos constituintes imediatos. Sob esta perspectiva, aceitamos que cada unidade pode ser decomposta de modo a colocar em evidência seus constituintes situados no patamar imediatamente inferior. Dessa forma, dizemos, por exemplo, que os fonemas são os constituintes imediatos dos morfemas.

Cada um desses níveis é estudado de maneira diferente. Observem que uma discussão fundamental separa o nível fonológico do nível morfológico. Trata-se justamente da noção de dupla articulação.

A dupla articulação é considerada como o traço mais importante da linguagem humana.

Um enunciado pode ser segmentado em morfemas (signos lingüísticos), tal como em “casinhas = casa + inha + s”. Por sua vez, esses morfemas podem ser subdivididos em fonemas, ou seja, sons cuja função é puramente distintiva: /k + a + z + i + ɲ + a + s/.

A linguagem humana é articulada, isto é, ela é construída sobre um sistema de oposições e de combinações entre unidades discretas, de forma dupla. Por isso, fala-se em dupla articulação. Explicando de modo mais detalhado, podemos dizer que:

Se você tem dificuldades para compreender a noção de signo lingüístico, releia o texto da disciplina de Introdução aos Estudos da Linguagem. Lá, você vai encontrar explicações claras e detalhadas a este respeito.

1. a primeira articulação se refere às unidades que possuem um significante (uma forma fônica) e um significado. Significante e significado são indissolúveis, inseparáveis. Eles constituem o *signo lingüístico*. Há, em cada língua, um número muito grande de unidades significativas. Eles são renovados permanentemente em razão das necessidades de cada comunidade lingüística, formando o que chamamos de léxico de uma língua. Todos os dias, surgem novas unidades dotadas de sentido, pois precisamos delas para a comunicação com os membros de nossa comunidade lingüística, para a realização de nossas reflexões, etc.

Para que você possa compreender melhor, vejamos novamente o mesmo exemplo apresentado na Unidade A (seção 2.4). Na palavra “mesas” existem dois morfemas: “mesa” (que constitui o que chamamos de base ou raiz) e o plural marcado pelo morfema gramatical “s”. A sequência “sas” não é um morfema, porque não chega a ter um significado lingüístico em português. Reiterando:

O morfema é definido como a menor unidade com significado específico.

Cada morfema é indivisível em unidades significativas menores e possui significação particular.

2. as unidades acima, da primeira articulação, isto é, as unidades significativas (ou morfemas) podem ser decompostas em unidades de segunda articulação, ou seja, em fonemas. Os fonemas

não possuem significado. Apesar disso, possuem a função distintiva. É justamente neste ponto que se pode observar a extraordinária eficácia da linguagem humana, isto é, seu princípio de economia, pois com um número muito reduzido de fonemas (aproximadamente 33 em português e 24 em espanhol), é possível gerar todos os morfemas de uma língua.

Coloquialmente falando, com uma média de somente 30 sons (vocálicos e consonantais), ou até menos, no caso de muitas línguas, é possível construir milhões de palavras, milhões de relações entre elas, enfim, elaborar uma imensidão de discursos.

Atenção: O número de fonemas de uma língua não tem relação com sua pluralidade lexical, com sua riqueza cultural. Não há línguas primitivas. Todas possuem igual *status* diante da análise lingüística.

3.2 Retomando Algumas Informações Importantes

Cada língua possui um número fixo de fonemas. Eles são as partículas mínimas da construção dos enunciados. Os fonemas não carregam consigo significado; no entanto, possuem valor distintivo e, por extensão, importância fundamental, constituindo a chamada segunda articulação. A combinação linear entre fonemas gera segmentos maiores que compõem as unidades dotadas de significação, isto é, os morfemas, que são as unidades de primeira articulação.

Os fonemas só existem na estrutura da língua. Sob este prisma, podemos dizer que o número de fonemas é finito e determinável. Muitos fonemas se repetem em outras línguas; isso é natural. Por exemplo, no par de línguas português e espanhol, há vários fonemas em comum.

Na verdade, o aparelho fonador humano pode produzir um número muito grande de sons diferentes. As línguas do mundo exploram essas possibilidades e as empregam como unidades distintivas, ou seja, como fonemas. No português brasileiro, por exemplo, temos uma grande variedade de sons “R”. São chamamos coloquialmente de “R-caipira”, “R-gaúcho”, “R-carioca”, etc. Quando pronunciamos, por exemplo, a pa-

Para compreender e conhecer os fones aos quais estes fonemas se referem, ou seja, a maneira como eles são articulados, recorra ao quadro 8, na seção 4.2.3 relativa às consoantes do português brasileiro. Lá você poderá ouvir a pronúncia de todos os sons consonantais, além de ter acesso a exemplos.

lavra “porta”, o fato de empregarmos este ou aquele tipo de “R” não fará nenhuma diferença, ou seja, essas variações não provocarão mudança de sentido. Porém, se dissermos: “carro” e “caro”, teremos dois fonemas distintos em português, respectivamente: /R/ e /r/. Eles possuem valor diferente, ou seja, nesse contexto produzem significações diferentes, ao passo que em uma língua como o francês essa oposição não é pertinente, pois na língua francesa há somente um tipo de “R”.

Como já vimos, os sons, considerados em sua essência física, ou seja, exclusivamente investigados como sons, sem considerar função distintiva dentro do sistema de uma língua, são estudados pela Fonética. Assim, cabe à Fonética estudar os vários tipos possíveis de “R” em português. Eles podem somar dezenas. Mas caberá à Fonologia verificar se eles são ou não são fonemas, isto é, se eles possuem valor distintivo. Visualize o quadro 2 abaixo:

Fonética	Fonologia
Estudo dos sons da fala, isto é dos fones.	Estudo dos sons com valor distintivo.

Quadro 2: Síntese das funções da Fonética e da Fonologia

Vamos, agora, propor um mergulho mais fundo na Fonética.

4 A Fonética

Neste capítulo vamos explorar o universo dos sons lingüísticos.

É preciso admitir que a posição formalista (Veja conteúdos da disciplina *Introdução aos Estudos da Linguagem*) contribuiu sobremaneira para a composição dos conhecimentos que se possui hoje em Lingüística. Estabelecendo uma analogia, é imprescindível lembrar que, assim como é importante analisar a estrutura de um pássaro tanto pelo seu vôo quanto por sua maneira de voar, estudando-o em seu ambiente natural, também é importante considerar o estudo dos sons da fala no local onde eles existem e se manifestam em sua plenitude, isto é, na cadeia da fala e no discurso.

Apresentamos no quadro abaixo, as três etapas básicas da comunicação, a saber: produção, transmissão e percepção. Nossa atenção recairá particularmente sobre a primeira, ou seja, sobre a produção. Vamos enfatizar a questão da Fonética Articulatória sobre a qual já lançamos algumas bases na Unidade A. As descrições da Fonética constituem uma das principais bases para a análise fonológica.

Etapa da comunicação	Subárea da Fonética correspondente
Produção	Fonética Articulatória (estudo do aparelho fonador e da produção dos sons da fala)
Transmissão	Fonética Acústica (estudo das propriedades físicas dos sons)
Percepção	Fonética perceptiva (estudo do aparelho auditivo e dos mecanismos de decodificação dos sons)

Quadro 3: Etapas da comunicação no que diz respeito aos aspectos fonéticos

No esquema geral da comunicação, temos um sujeito que produz sons da linguagem articulada (oral), que se propagam através do ar e, finalmente, são apreendidos por um sistema receptor, isto é, por outros indivíduos.



Figura 4: Esquema da comunicação

4.1 O Aparelho Fonador

As partes do corpo humano utilizadas para a produção da fala possuem cada uma delas o que se chama de função primária, a saber: respiração, mastigação, glutição, olfato, etc. Quando produzimos os sons da língua, realizamos, na verdade, uma sobreposição de funções, isto é, as mesmas partes do corpo empregadas para as funções primárias são empregadas, agora, para uma segunda função, ou seja, para a produção dos sons da linguagem. Damos a este conjunto o nome de aparelho fonador. Vejamos o aparelho fonador na figura 5 abaixo.

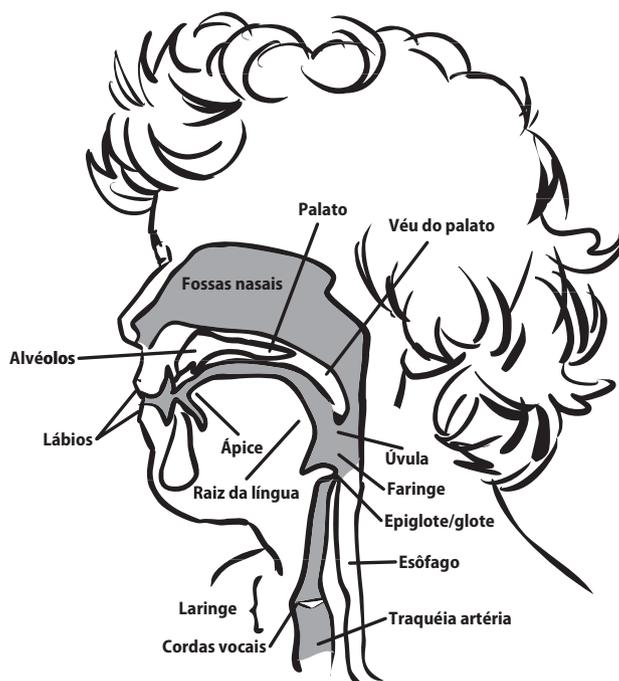


Figura 5: Aparelho Fonador

Neste esquema, você pode visualizar um desenho representando uma parte da anatomia humana, como se tivéssemos realizado uma radiografia transversal desta parte do corpo humano. Trata-se, na verdade, de um traçado feito à mão, que coloca em evidência algumas das principais partes do aparelho fonador. É importante que você conheça o nome de alguns destes órgãos, pois eles participam da nomenclatura utilizada para a classificação das vogais e das consoantes, como veremos adiante.

4.2 Sons Vocálicos e Consonantais

Segundo Cagliari (1995, p. 57), classificar as letras do alfabeto em vogais e consoantes só faz sentido se estas letras remetem a sons que, na fala, podem ser classificados como vogais e consoantes, segundo a descrição fonética. De modo similar, classificar as letras em vogais e consoantes tem como única função a marcação prévia de tipos diferentes de letras. Todavia, na fala, vogais e consoantes são muito diferentes quando estudamos a maneira como são articuladas. Assim, colocaremos ênfase sobre a questão da articulação.

4.2.1 As Vogais

Todas as línguas do mundo possuem vogais e consoantes. Para a produção de uma vogal ou de um segmento vocálico, a passagem do ar não sofre ação direta de nenhum órgão, isto é, não há obstrução ou fricção do ar na cavidade bucal. O que ocorre efetivamente são alterações de volume nessa caixa de ressonância (oral) que permitem provocar sons diferentes entre si. Comumente, chamamos essas modificações de estreitamentos da cavidade oral. Esses estreitamentos ocorrem em razão dos movimentos horizontais e verticais da massa da língua, que ora se aproxima, ora se afasta do palato (céu da boca). Para a produção das vogais, acontecem também movimentos labiais, ou seja, estiramento ou arredondamento dos lábios.

Prática

Pronuncie um [s] ou [x] alongando sua produção. Trata-se de uma consoante. Você perceberá que parte de sua língua obstrui parcialmente a passagem de

ar no céu da boca (palato). Ocorre uma fricção do ar no orifício criado pela língua, palato e dentes. Já o som [a], vocálico, é produzido sem nenhuma obstrução na cavidade oral. Experimente produzi-los de modo comparativo.

Estes movimentos da língua em direção a diferentes setores do palato, bem como a protusão labial, são determinantes para a classificação das vogais que, em relação aos movimentos horizontais da língua, podem ser classificadas como anteriores, centrais e posteriores. Com relação aos movimentos verticais, as vogais são classificadas como altas, médias e baixas (ou também como fechadas e abertas). Finalmente, em relação à forma dos lábios, podem ser caracterizadas como arredondadas e não-arredondadas. Naturalmente, você poderá encontrar classificações e terminologias diferentes, segundo os autores pesquisados. Em ciência trata-se de fato natural. O importante é que você tenha consciência disso e compreenda os princípios básicos que regem os diversos fenômenos.

Prática

Pronuncie a seguinte seqüência [i - e - é - a - ó - o - u]. Observe como a língua se move progressivamente no sentido horizontal, isto é, da região próxima aos dentes frontais em direção à garganta.

Agora, experimente, diante de um espelho, pronunciar várias vezes as vogais [é u]. Sinta como seus lábios se estiram ao produzir um [é] e se arredondam ao pronunciar [u].

Passe para um outro exercício: observe os movimentos verticais, ou seja, de baixo para cima e vice-versa, pronunciando várias vezes [a - i].>

É importante você ter consciência de que para estudar e compreender devidamente as bases da Fonética Articulatória é necessário praticar exercícios dessa natureza. Seu aparelho articulatório é como um laboratório que lhe permite fazer vários testes práticos. Assim procedendo, você vai perceber mais claramente os processos de produção de muitos sons. Por vezes, se você tiver dúvidas sobre como classificar uma determinada vogal, seu próprio sistema articulatório poderá auxiliá-lo na busca das respostas que você procura. É muito interessante!



Figura 6: Aparelho fonador com trapézio vocálico sobreposto

Observe a figura acima. Convencionou-se, de modo esquemático, visualizar a articulação das vogais desenhando um trapézio sobre o trato oral. Ele acompanha, figurativamente, os deslocamentos da massa da língua em relação ao palato. O lado esquerdo deste trapézio vocálico representa a parte anterior da cavidade bucal, isto é, aquela zona que se situa perto dos dentes frontais. O lado direito é chamado de posterior, isto é, a região próxima à garganta. A parte de cima do trapézio é chamada de alta e a base do trapézio de baixa. Imaginando desta maneira, a compreensão da classificação das vogais se torna bastante simples. Por exemplo, o [a], segundo esse esquema, será caracterizado como vogal baixa, central. Se considerarmos a protusão labial ele será classificado ainda como não-arredondado. Vejamos a Figura 7:

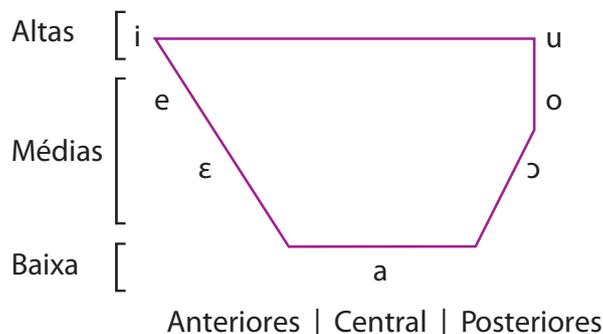


Figura 7: Trapézio vocálico e classificação das vogais orais

Provavelmente, os símbolos [ε] e [ɔ] lhe causaram estranhamento. Eles pertencem a uma convenção de transcrição fonética e fonológica chamada IPA. Para saber mais sobre estes símbolos, antecipe-se um pouquinho e leia rapidamente a seção que trata do Alfabeto fonético (4.2.2).

Se você exercitar novamente, perceberá que todas as vogais anteriores e centrais da língua portuguesa não são arredondadas, e todas as posteriores são arredondadas. Em nossa língua, o arredondamento labial não é um traço significativo das vogais!

Você pode se basear na figura acima para, a partir de agora, passarmos a utilizar uma simbologia diferente para representar os sons da linguagem. Existem símbolos especiais para fazer referência aos sons. Logo abaixo, há uma entrada específica que trata da transcrição fonética. Se você tiver dúvidas, avance algumas páginas e observe que os símbolos [ε] e [ɔ], mostrados na figura acima, representam, respectivamente, os sons [é] e [ó].

Na figura abaixo, aparecem representadas as vogais do português. Você poderá observar que, em nossa língua, temos doze vogais em posição de maior intensidade: sete orais: [i, e, ε, a, ɔ, o, u] e cinco nasais: [ĩ, ê, ã, õ, ũ].

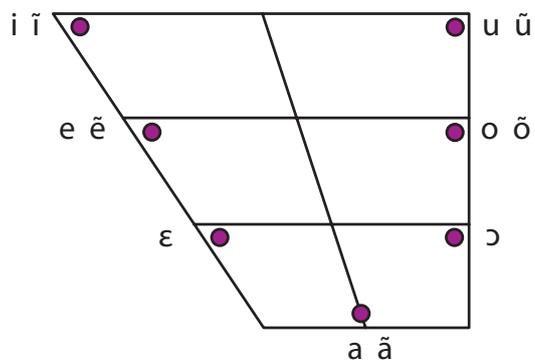


Figura 8: Trapézio vocálico do português

O trapézio vocálico do espanhol possui menos vogais do que o do português. Na língua espanhola, há apenas cinco vogais, como pode ser constatado no trapézio abaixo (Figura 9). Não existem, por exemplo,

as oposições aberta/fechada, como há em português entre: [e] e [ɛ] ou entre [o] e [ɔ], como nos seguintes exemplos: “meu/mel” e “avô/avó”. No que concerne às nasais, foneticamente, a nasalização na língua espanhola pode até ser constatada em algumas de suas realizações, mas não ocorrerá nunca com valor fonológico, ou seja, distintivo.

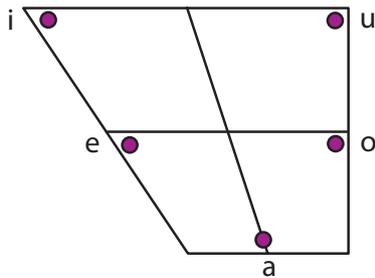


Figura 9: Trapézio vocálico do espanhol

Insistimos, mais uma vez, que o fato de o português possuir um número maior de vogais reflete tão-somente uma das diferenças entre as duas línguas. Ambas possuem todos os elementos necessários e suficientes para a manifestação do sentido, isto é, para a composição de qualquer tipo de discurso. O maior ou menor número de consoantes e/ou vogais não faz com que uma língua seja superior à outra e nem que seja mais bela. Os juízos de valor refletem preconceitos, e a lingüística não os reconhece.

Informação histórica

Os fonemas vocálicos abertos, provenientes do latim popular, foram conservados em português, porém em espanhol se ditongaram, como se pode observar nos exemplos seguintes:

Latim popular	Português	Espanhol
petram	pedra	pedra
fortem	forte	fuerte

Quadro 4: Demonstrativo histórico - comparação português/espanhol.

4.2.2 O Alfabeto Fonético

Doravante, vamos adotar uma série de símbolos especiais que você passará a conhecer. Trata-se do chamado alfabeto fonético. Esta notação baseia-se em uma convenção empregada cientificamente para descrever

os sons das línguas em geral. No trapézio apresentado acima, você já deve ter percebido que alguns símbolos são bem diferentes das letras de nosso alfabeto, como a vogal [ɛ] da palavra “pé” e a vogal [ɔ] da palavra “pó”. Esta convenção é diferente daquela que usamos nos sistemas ortográficos do português, do espanhol, do francês, enfim, das línguas em geral. Assim, diversos sons do português, bem como de muitas outras línguas, serão representados segundo esta convenção cada vez que se estiver tratando da parte física dos sons da fala, isto é, de Fonética, ou da função que estes sons exercem no sistema lingüístico, ou seja, de Fonologia.

Um dos grandes interesses de se estudar as regras da transcrição fonética é viabilizar, ao mesmo tempo, a codificação e a decodificação de qualquer som, de qualquer língua de modo aproximativo. Evidentemente, isso é possível desde que se conheça bem as relações entre essas convenções e os respectivos sons.

Há um alfabeto fonético de consenso, isto é, aceito e utilizado por grande parte dos pesquisadores. Chama-se Alfabeto Fonético Internacional. Normalmente, para se falar deste sistema de símbolos, emprega-se a abreviação “IPA”, do inglês: *International Phonetic Alphabet*. Há, assim, certo número de fontes (símbolos) adotados internacionalmente para a composição do IPA.

Pense, por exemplo, na palavra “casa”. Você pronuncia e ouve claramente [z] entre as duas vogais, não é mesmo? No entanto, nossas regras ortográficas exigem o emprego do “s” gráfico neste contexto. A razão disso é simples: as palavras possuem uma história. Elas foram progressivamente se compondo ao longo dos anos. As línguas, em geral, possuem um longo passado. Há motivos *etimológicos* para que nosso sistema ortográfico tenha esta configuração. Quando criança, temos certa dificuldade para aceitar a idéia de escrever uma palavra com “s”, a exemplo de “casa”, pronunciando o som [z]. Evidentemente, mais tarde, compreendemos que em nossa língua, em alguns contextos, a letra “s” é pronunciada com som [z] e que há razões históricas para tal. Pois bem, utilizando o IPA, você poderá garantir a relação biunívoca entre som e símbolo correspondente. Poderá escrever foneticamente a palavra “casa” da seguinte forma: [ˈkazɐ].

De modo a representar os som foneticamente, é importante saber que o princípio se baseia em uma tentativa de estabelecer relações biunívocas entre símbolos e sons. Deste modo, usaremos a seguinte notação:

1. Colchetes para indicar que estamos tratando de fonética, isto é, o símbolo fonético – ou a transcrição de frases e palavras – é sempre apresentado entre colchetes: [fone/som];
2. Símbolos que representam os sons: geralmente o IPA.

Assim procedendo, como vimos acima, a palavra “casa” será transcrita, foneticamente, deste modo: [ˈkʌzɐ]. O apóstrofo colocado antes da primeira sílaba, [ˈkʌ], indica o acento silábico. Observe, no quadro abaixo, a transcrição das doze vogais do português, com respectivos exemplos ilustrativos:

Vogal	Exemplo	Transcrição
i	apito	[aˈpitu]
ĩ	ímpeto	[ˈĩpetu]
e	apelo	[aˈpɛlu]
ẽ	pen t e	[ˈpɛ̃tɨ] ou [pɛ̃tʃɨ]
ɛ	pé	[ˈpɛ]
a	pato	[ˈpatu]
ã	pan t era	[pãˈtɛrɐ]
ɔ	pó	[ˈpɔ]
o	poço	[ˈposu]
õ	pon ch e	[ˈpõʃɨ]
u	pura	[ˈpuɾɐ]
ũ	jun t o	[ˈʒũtu]

Quadro 5: Quadro demonstrativo: transcrição fonética

Observe que a ordem para a apresentação está de acordo com o trapézio vocálico que, como já mencionamos, acompanha os movimentos da massa da língua em relação ao palato. Visualize novamente o desenho do trato oral apresentado na Figura 6, representando o trapézio vocálico do português.

Algumas vezes, tendo em vista a complexidade dos princípios que regem nosso sistema alfabético/ortográfico, quando não nos lembramos exatamente da grafia correta de uma palavra, precisamos do auxílio de um dicionário. As palavras “exceção” e “excesso”, por exemplo, podem eventualmente gerar dúvidas, por possuírem, ambas, composições bastante singulares. Estes dois exemplos servirão, aqui, para uma reflexão interessante.

Vejamos...

Você sabia, por exemplo, que, em português, há oito maneiras para se representar graficamente o som [s]? Por questões de natureza diacrônica, as palavras precisam ser registradas assim, para estar de acordo com a forma que tomaram ao longo da sua história, isto é, durante os processos de composição da língua, da passagem do latim ao português brasileiro.

Observe no quadro 6 abaixo e preste atenção às letras em negrito:

Som	Grafema	Exemplo/palavra	Transcrição fonética (Inserir gravação de todas as palavras)
[s]	s	s apo	[ˈsapu]
[s]	ss	ma ss agem	[maˈsaʒẽj]
[s]	c	ce n tral	[sẽˈtɾaw]
[s]	ç	ma ç ã	[maˈsã]
[s]	x	ma x imo	[ˈmasimu]
[s]	xc	exce ç ão	[eseˈsãw]
[s]	sç	cre sç o (crescer)	[ˈkresu]
[s]	sc	na s cer	[naˈsɛɾ]

Quadro 6: Grafias do som [s] em português

Imagine, por exemplo, as dificuldades que teria um estrangeiro que não conhece bem o português, para ler e pronunciar essas palavras? Porém, se por ventura este suposto indivíduo tiver conhecimento do IPA, ele poderá encontrar subsídios na transcrição fonética que lhe permitirão estabelecer as relações mais próximas entre o grafema e o som, correspondente. Essa aproximação é possível em português e em qualquer outra língua.

Observando o quadro acima, você poderá constatar que a transcrição é um processo relativamente simples. Porém, você estudou somente as vogais. Ainda faltam as consoantes. Ao fazê-lo, o processo se tornará ainda mais evidente.

4.2.3 As Consoantes

Vimos que as vogais se caracterizam por serem produzidas sem interrupções da corrente de ar. Já no que diz respeito aos segmentos consonantais, há sempre algum tipo de obstrução, ora total, ora parcial na linha central das cavidades supraglotais (veja novamente a Figura 5 relativa ao Aparelho Fonador).

As consoantes podem ser classificadas de acordo com parâmetros articulatórios ou acústicos. Tudo depende da perspectiva adotada.

Na classificação proposta aqui, consideraremos os seguintes parâmetros:

1. Direção da corrente de ar (em português e espanhol todos os sons são produzidos na expiração);
2. Vibração das cordas vocais (surdas/desvozeadas ou sonoras/vozeadas);
3. Oralidade somente ou nasalidade;
4. Órgãos articuladores implicados na produção dos sons;
5. Mecanismo empregado na obstrução da corrente de ar.

Tipo de consoante segundo o movimento	MODO DE ARTICULAÇÃO			LUGAR DE ARTICULAÇÃO					
	Passagem do ar	Vibração das cordas vocais	Bilabial	Labiodental	Dental, alveolar ou alveodental	Alveopalatal	Médiopalatal	Dorsopalatal (ou velar)	Glotal
Oclusiva	Oral	Surda	p		t			k	
		Sonora	b		d			g	
	Nasal	Sonora	m		n		ɲ		
Africada	Oral	Surda					tʃ		
		Sonora					dʒ		
Fricativa	Oral	Surda		f	s	ʃ			
		Sonora		v	z	ʒ		ɣ	h

Unidade B - A Fonética e a Fonologia

Tipo de consoante segundo o movimento	Passagem do ar	Vibração das cordas vocais	Bilabial	Labiodental	Dental, alveolar ou alveodental	Alveopalatal	Médiopalatal	Dorsopalatal (ou velar)	Glotal
Tepe (vibrante simples)	Oral	Sonora			r				
Vibrante (múltipla)	Oral	Sonora			ʀ				
Retroflexa	Oral	Sonora				ɻ			
Lateral	Oral	Sonora			l		ʎ		

Quadro 7: Símbolos fonéticos consonantais relevantes para a transcrição do português brasileiro (não foram consideradas todas as possíveis variações fonéticas do português do Brasil).

No quadro que segue, são apresentados exemplos de palavras que ilustram os segmentos apresentados acima e que ocorrem no português brasileiro.

Símbolo Do IPA	Classificação	Exemplo ortográfico	Transcrição
p	Oclusiva, bilabial, surda	pata	[ˈpatɐ]
b	Oclusiva, bilabial, sonora	bata	[ˈbatɐ]
t	Oclusiva, dental (alveolar ou alveodental), surda	taba	[ˈtabɐ]
d	Oclusiva, dental (alveolar ou alveodental), sonora	dado	[ˈdadu]
k	Oclusiva, dorsopalatal (ou velar), surda	capa	[ˈkapɐ]
g	Oclusiva, dorsopalatal (ou velar), sonora	gata	[ˈgatɐ]
m	Nasal, bilabial, sonora	mata	[ˈmatɐ]
n	Nasal, dental (alveolar ou alveodental), sonora	nada	[ˈnadɐ]
ɲ	Nasal, médiopalatal, sonora	minha	[ˈmĩɲɐ]
tʃ	Africada, alveopalatal, surda	tivesse	[tʃiˈvesɨ]

dʒ	Africada, alveopalatal, sonora	ditado	[dʒi'tadu]
f	Fricativa, labiodental, surda	faca	['fakɐ]
v	Fricativa, labiodental, sonora	vaca	['vakɐ]
s	Fricativa, dental (alveolar ou alveodental), surda	sapo	['sapu]
z	Fricativa, dental (alveolar ou alveodental), sonora	zebra	['zebrɐ]
ʃ	Fricativa, alveopalatal, surda	chapa	['ʃapɐ]
ʒ	Fricativa, alveopalatal, sonora	jato	['ʒatu]
ɣ	Fricativa, dorsopalatal (ou velar), sonora	rato	['ɣatu]
ɸ	Fricativa, velar, sonora	rato	['ɸatu]
r	Vibrante simples/tepe, dental (alveolar ou alveodental), sonora	caro	['karu]
ʀ	Vibrante múltipla, dental (alveolar ou alveodental), sonora	carro	['kaʀu]
ɹ	Retroflexa, alveopalatal, sonora	cirurgia	[siɾuɹ'ziɐ]
l	Lateral, dental (alveolar ou alveodental), sonora	lata	['latɐ]
ʎ	Lateral, palatal, sonora	palha	['paʎɐ]

Quadro 8: Sons consonantais do português brasileiro, classificação e exemplificação

Como a Fonética analisa os fones considerando todas as possíveis variações – incluindo também as *idioletais* -, é importante ressaltar que os fones aqui apresentados representam tão-somente aqueles mais frequentemente observados no português do Brasil. Caso sua pronúncia não coincida com nenhuma das possibilidades apresentadas, converse com seus tutores ou conosco para saber mais a este respeito.

5 A Fonologia

Neste capítulo, examinaremos o campo de estudos lingüísticos chamado Fonologia.

Em seus estudos, você encontrará dois termos diferentes que remetem à mesma questão, a saber: Fonologia e Fonêmica. Na maior parte dos modelos pós-estruturalistas, encontraremos o termo Fonologia. O importante é você saber que ambos tratam do estudo da cadeia sonora da fala e possuem preocupações similares: estudar os aspectos interpretativos dos sons e sua estrutura funcional nas línguas.

Anteriormente, constatamos que a Fonética está preocupada em investigar os diversos sons de uma língua e de suas variantes regionais. A Fonologia, por sua vez, procura definir quais dentre todos os sons possíveis possuem valor distintivo, isto é, quais destes sons podem ser usados para distinguir palavras.

No quadro abaixo, reitera-se os limites entre a Fonética e a Fonologia:

Fonética	Fonologia
Estudo dos sons da fala, chamados fones.	Estudo dos sons com valor lingüístico, isto é, dos fonemas em relação com um significado.
Os traços fônicos são analisados quanto à sua produção, percepção ou valores acústicos.	Os traços fônicos são examinados em relação ao seu valor distintivo.
Fones: representados entre colchetes: [fones].	Fonemas: representados entre barras oblíquas: /fonema/.

Quadro 9: Limites entre Fonética e Fonologia

Você deve lembrar do exemplo que utilizamos anteriormente relativo à palavra “tia”. Se, por um lado, a análise fonética provará que há mais de uma possibilidade de pronúncia para esta mesma palavra, em razão das diferenças de falares, isto é: [ˈtʃiɐ] e [ˈtiɐ]. Por outro lado, a análise fonológica atribuirá um valor único a estes dois sons, tendo em vista que, em algumas variedades do português do Brasil, [t] ocorre somente diante

da vogal [i], e o [t] diante de todos os demais sons. Ambas as pronúncias, [ˈtʃiɐ] e [ˈtiɐ], nos remetem à mesma palavra, com o mesmo significado.

Quando a fonologia detecta sons que estejam em oposição, isto é, que possuem valor distintivo (ou seja, que distinguem palavras), eles são denominados fonemas.

Observe que a representação fonética (fones) e a representação fonológica (fonema) poderão ser diferentes. Por exemplo: [dʒiˈtadʊ] é uma representação fonética de uma produção de falantes de uma determinada região. Todavia, no que diz respeito à fonologia do português brasileiro, teremos apenas uma representação possível para o fonema /d/; neste caso, a palavra “ditado” será transcrita da seguinte maneira: /diˈtado/.

Um dos procedimentos para o reconhecimento de fonemas é identificar duas palavras com significados diferentes, que possuam cadeia sonora muito semelhante, em que haja apenas um fone diferente. Chamamos esta dupla de palavras de “par mínimo”. Por exemplo: “bata” e “pata” constituem um par mínimo. Este par caracteriza os fonemas /b/ e /p/, pois eles contrastam em ambiente idêntico. Trata-se aqui do teste da comutação. Poderíamos continuar comutando e obtendo novas palavras:

Você deve ter percebido que não somente as consoantes, mas também as vogais são transcritas diferentemente em Fonética e em Fonologia. Observe, no parágrafo anterior, as transcrições fonética e fonológica de “ditado”. Você sabe qual a razão? Exatamente a mesma das consoantes. A Fonologia considera apenas os fones com valor distintivos, ou seja, os fonemas. Todas as variações que não são distintivas não aparecem na notação fonológica.

/p/	p + ata	/ˈpata/;
/b/	b + ata	/ˈbata/;
/t/	t + ata	/ˈtata/;
/d/	d + ata	/ˈdata/;
/k/	c + ata	/ˈkata/;
/g/	g + ata	/ˈgata/;
/ʃ/	ch + ata	/ˈʃata/;
/m/	m + ata	/ˈmata/;
/n/	n + ata	/ˈnata/;
/x/	r+ata	/ˈxata/;
/l/	l+ata	/ˈlata/;

Os casos em que se observa que dois fones semelhantes não se encontram em oposição, ou seja, sua distribuição é complementar, devem ser analisados como alofonia. Isso quer dizer que os dois fones em questão não são distintivos, tratando-se somente de manifestações diferentes de um mesmo fonema, em contextos distintos, como é o caso de [t] / [tʃ] e [d] / [dʒ], por exemplo. A alofonia será analisada mais atentamente na seção seguinte (3.1. A análise fonológica).

O estágio inicial de descrição de uma língua tem por objetivo identificar como se organiza a cadeia sonora da fala. Vamos retomar abaixo estas questões de modo mais detalhado ao tratar da análise fonológica, uma vez que o teste da comutação é tão-somente uma entre as várias fases da Análise Fonológica.

5.1 A Análise Fonológica

O trabalho do fonólogo é permeado por conhecimentos aprofundados em Fonética. O estudo do sistema fonológico de qualquer língua – seja ela conhecida ou não – poderá ser otimizado por meio da observação apurada das possibilidades articulatórias exercidas pelos falantes da língua examinada, bem como das capacidades do sistema auditivo do ser humano. Atualmente, parte dessas observações pode ser realizada com o auxílio de programas informatizados de análise do sinal acústico.

A análise fonológica é de extrema importância para que você possa atingir uma maior compreensão sobre o funcionamento das línguas. Este tipo de análise implica um procedimento metodológico bastante criterioso, envolvendo etapas necessárias a serem cumpridas. Nas próximas páginas, vamos explicitar etapas:

Etapa 1

Toda e qualquer análise fonológica parte de dados fonéticos da fala. A investigação é realizada sobre um *corpus* de fala natural que deverá ser transcrito foneticamente. Eis mais uma das grandes importâncias da transcrição fonética, isto é, ela é uma etapa incontornável para a análise fonológica.

Então, o primeiro passo é fazer o levantamento de todos os fones observados no uso da língua, ou seja, na fala dos falantes nativos. Evidentemente, não é possível que se investiguem todos os falantes de uma língua. Pense a respeito da língua portuguesa. Somos em torno de 210.000.000 de falantes nativos!

Pela impossibilidade de se trabalhar com a totalidade da população, coletam-se os dados a partir de uma amostra significativa de falantes. Ela deve ser significativa para poder representar a população da qual se pretende falar, ou seja, a população que está sendo investigada em termos fonéticos e fonológicos.

Saiba mais...

A constituição de um corpus de fala natural é realizada com o emprego de técnicas sociolingüísticas que orientam o levantamento controlado e criterioso dos dados. Para aprofundar seus conhecimentos sobre o trabalho de campo, você poderá consultar, por exemplo, o livro do Professor Fernando Tarallo chamado: “A Pesquisa Sociolingüística”, conforme especificado abaixo:

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

Etapa 2

Depois de feitas as transcrições do *corpus* de fala natural, o próximo passo será elaborar uma tabela na qual serão registrados todos os fones identificados no *corpus*.

É interessante classificar os sons segundo o modo e o lugar ou ponto de articulação. O objetivo principal é detectar as diferenças fonéticas salientes e agrupá-las em categorias.

Esta tabela fonética constituirá a principal base para as etapas posteriores, que se referem especificamente à análise fonológica. Até aqui, o levantamento é de ordem fonética e serve de base para que se possa conduzir a investigação fonológica.

Pela importância desta tabela, sua elaboração exigirá um grande esforço da parte do pesquisador no sentido de realização de uma descrição detalhada e cuidadosa do *corpus*.

Saiba mais...

Para estudar um pouco mais a respeito de Fonética, Fonologia e ensino de línguas, você pode recorrer aos seguintes textos:

HOYOS-ANDRADE, Rafael Eugenio. *Sistemas fonológicos, interferências e ensino de línguas*. Uniletras, n. 16, p. 5-18, 1994.

MASIP, Vicente. *Fonética espanhola para brasileiros*. Recife: Sociedade Cultural Brasil – Espanha, 1998.

No que se refere ao levantamento fonético da língua portuguesa, você não precisará coletar dados. Basta retomar as explicações das vogais e consoantes do português brasileiro, nas seções 4.2.1 e 4.2.3, respectivamente. Se surgirem dúvidas, lembre-se de recorrer ao tutor ou ao professores da disciplina!

Etapa 3

Uma vez organizadas as tabelas fonéticas vocálicas e consonantais, devem-se identificar os sons foneticamente semelhantes (SFS). Estes sons são também chamados de pares suspeitos.

Um par de sons é foneticamente semelhante quando há apenas uma diferença na articulação, seja na maneira ou no lugar em que os sons em questão são articulados. Vejamos exemplos:

[p] e [b] são SFS porque ambos são consoantes oclusivas, orais, bilabiais. A única diferença entre eles é a vibração das cordas vocais. [p] é uma consoante surda, e [b] é sonora. Tamanha proximidade de articulação pode levar à alofonia. Isso quer dizer que SFS podem não ser distintos funcionalmente um do outro. Por isso, eles precisam ser investigados.

[p] e [v], por sua vez, não precisam ser investigados fonologicamente, pois se trata de sons foneticamente dessemelhantes, não constituindo par suspeito. Como já vimos, [p] é uma consoante oclusiva, oral, bilabial, surda, e [v] é uma consoante fricativa, oral, labiodental, sonora. Dada a grande diferença de articulação entre este par, não há necessidade de investigá-lo. Sabe-se, de antemão, que se trata de fonemas distintos e não de variantes de um mesmo fonema.

O mesmo vale para o par vocálico [a] e [u]. Não se trata de par suspeito, porque as articulações são muito dessemelhantes. [a] é uma vogal, oral, baixa, central, não arredondada, e [u] é uma vogal, oral, alta, posterior, arredondada.

Etapa 4

Tendo identificado os SFS, o próximo passo é pesquisar a existência ou a acessibilidade a pares mínimos para saber se se tratam de fonemas distintos ou de variação de um mesmo fonema, ou seja, alofone.

Pares mínimos são duplas de palavras em que a única diferença no significante são exatamente os fones sob análise. “Faca” [ˈfakə] e “vaca” [ˈvakə] constituem um par mínimo, evidenciando que os fones [f] e [v] são fonemas distintos, ou seja, servem para distinguir palavras, neste caso. Portanto, podemos transcrevê-los fonologicamente como /f/ e /v/.

É fundamental pesquisar os pares mínimos. Eles são a evidência mais saliente de distinção fonológica. Muitas vezes, por falta de proficiência na língua analisada ou mesmo pela impossibilidade de se conhecer todo o léxico de uma determinada língua, não se conseguem localizar os pares mínimos, o que não significa que eles não existam!

Bom, para estes casos, é preciso recorrer à etapa seguinte da análise fonológica: os ambientes análogos. Mas, antes de chegarmos lá, vamos realizar mais uma atividade.

O fato de você não ter encontrado pares mínimos para alguns dos SFS propostos na atividade acima, não significa que estes sons sejam variantes de um mesmo fonema. Antes de tomar esta decisão, o pesquisador precisa investigar os ambientes análogos. Vamos lá, então!

Etapa 5

A análise dos pares mínimos nem sempre permite atestar a existência de um fonema distinto, pelo simples fato de que, muitas vezes, não se localizam tais pares perfeitos.

Assim, por vezes, é necessário trabalhar com o que comumente se chama de ambientes análogos. Este tipo de análise ocorre quando há dúvidas em relação à classificação de um som, isto é, quando há incerteza de que se trata realmente de um fonema.

Como somos falantes nativos da língua portuguesa, temos grande facilidade para localizar pares perfeitos de palavras. Mas podemos pensar em uma situação diferente, simulando menor grau de proficiência nesta língua. Suponhamos não ter encontrado pares mínimos para os SFS [v] e [z]. Nesta situação, precisaríamos nos envolver na busca por ambientes análogos, que são pares de palavras em que o contexto próximo ao som analisado é idêntico, mas palavra em si não o é. Vejamos um exemplo a respeito de [v] e [z]:

“Caso” [ˈkazu] e “favo” [ˈfavu] constituem ambientes análogos para [v] e [z], porque ambos estão em sílaba fraca: [-zu] e [-vu]. As sílabas intensas são [ˈka-] e [ˈfa-]. Além disso, ambos aparecem entre as vogais [a] e [u]. A diferença está apenas nos sons [k] e [f], que, pela distância, não interfeririam no valor fonológico dos sons analisados. Concluimos, assim, que [v] e [z] são fonemas distintos, mesmo que não se localizem pares mínimos. Os ambientes análogos são suficientes para evidenciar o valor fonológico.

Etapa 6

O exame dos contextos em que um determinado som ocorre (par mínimo ou ambiente análogo) permite observar se há distribuição complementar.

Por distribuição complementar entende-se que os sons analisados não ocorrem em ambientes idênticos (em palavras diferentes) nem em ambientes próximos, o que pode significar que eles estejam em uma relação de alofonia, se eles forem SFS.

Quando dois segmentos estão em distribuição complementar, eles aparecem em ambientes exclusivos: onde ocorre uma variante não ocorre a outra.

Existem pares mínimos para os SFS [v] e [z], a exemplo de “vela” [ˈvɛlə] e “zela” [ˈzɛlə] ou “cava” [ˈkavɐ] e “casa” [ˈkazɐ].

Lembre-se: Alofone é a variação de um fonema. Não há distinção, neste caso.

Eles podem ainda referir-se a variações idioletais ou dialetais, o que significa que pessoas ou grupos diferentes podem selecionar possibilidades distintas de som. Parece complicado? Analisemos exemplos para esclarecer:

[t] e [tʃ] estão em distribuição complementar, uma vez que, nos dialetos em que [tʃ] existe, ele ocorre exclusivamente diante de [i] ou /i/, e [t] ocorre em todos os demais ambientes.

Exemplo	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
"tipo"	[ˈtʃipʊ]	/ˈtipo/
"tinta"	[ˈtʃitɛ]	/ˈtita/
"teve"	[ˈtevi]	/ˈteve/
"tenda"	[ˈtẽde]	/ˈtẽda/
"tédio"	[ˈtɛdʒju]	/ˈtɛdjo/
"tábua"	[ˈtabwɛ]	/ˈtabwa/
"tampa"	[ˈtãpe]	/ˈtãpa/
"toca"	[ˈtɔke]	/ˈtɔka/
"todo"	[ˈtodu]	/ˈtodo/
"tonto"	[ˈtõtu]	/ˈtõto/
"tudo"	[ˈtudu]	/ˈtudo/
"tumba"	[ˈtũbe]	/ˈtuba/

Quadro 10: Análise da distribuição complementar de [t] e [tʃ]

Ainda exemplificando, sabemos que [o] e [u] são fonemas distintos em posição acentuada, intensa, como podemos ver por meio dos seguintes pares mínimos: "modo" [ˈmɔdu] e "mudo" [ˈmuɔu]. Contudo, em posição não acentuada, fraca, nenhum destes fones aparece. O que se observa é a presença de uma outra variante exclusiva desta posição, o fone [ʊ], que não ocorre em nenhum outro contexto. Vejamos novamente os exemplos acima: "modo" [ˈmɔdu] e "mudo" [ˈmuɔu]. Pela ausência de distinção, em transcrição fonológica, vamos optar por: /ˈmɔdo/ e /ˈmudo/.

As variações aqui exemplificadas caracterizam um tipo de alofonia chamado de posicional. Trata-se de variantes posicionais, porque suas ocorrências dependem do ambiente/posição em que surgem.

Existe também a alofonia livre, na qual surgem as variantes livres, no mesmo ambiente, sem prejuízo do significado. Estas variantes estão relacionadas a idioletos ou dialetos, como é possível observar nas ocorrências do “R” forte em português:

Exemplo	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
“carro”	[ˈkaʁu]	/ˈkaRo/
“carro”	[ˈkaɾu]	/ˈkaRo/
“carro”	[ˈkaʁu]	/ˈkaRo/

Quadro 11: Exemplo de variação livre (dialetal ou idioletal)

Evidentemente, estamos diante de um caso de variação! É possível exemplificá-lo empregando um único exemplo, já que se trata de variante livre.

Optamos pela transcrição do “R” com a letra maiúscula, porque não há um fone predominante, já que a seleção por qualquer um deles depende do dialeto ou idioleto falado. Neste sentido, sempre que empregarmos o “R maiúsculo” em transcrição fonológica, estamos nos referindo ao “R” forte.

Há ainda um outro tipo de ocorrência a explicitar. Trata-se do arquifonema. Certos segmentos apresentam contraste fonológico em determinados contextos, mas perdem este contraste em outros contextos, ou seja, o contraste se neutraliza dependendo da posição ou ambiente. O arquifonema representa esta perda de contraste/distinção. Para exemplificar a existência de arquifonema em português, vamos recorrer ao uso do [s].

Em posição pré-vocálica — considerando a sílaba —, o [s] se caracteriza como um fonema, visto estar em contraste com todos os *SFS a* *ele*. Interessam-nos agora particularmente os sons [z], [ʃ] e [ʒ], para que possamos exemplificar devidamente o arquifonema:

Considerando que som foneticamente semelhante é aquele em que há apenas uma diferença de articulação, os SFS a [s] são: [z], [ʃ] e [ʒ]. Você pode atestar isso retomando o quadro 7, da seção 4.2.3.

Fones	Pares mínimos	Transcrição fonológica
[s] – [z]	“assa” – “asa”	/’asa/ – /’aza/
[s] – [ʃ]	“assa” – “acha”	/’asa/ – /’aʃa/
[s] – [ʒ]	“assa” – “aja” (v. “agir”)	/’asa/ – /’aʒa/

Quadro 12: Contraste entre [s], [z],[ʃ] e [ʒ]

Entretanto, se analisarmos a ocorrência destes fones em posição pós-vocálica, observaremos que há neutralização, ou seja, perda de contraste.

Fones	Pares mínimos	Transcrição fonética
[s] – [z]	“pasta” – “pasma”	[’pasta] – [’pazma]
[ʃ] – [ʒ]	“pasta” – “pasma”	[’paʃta] – [’paʒma]

Quadro 13: Neutralização entre [s], [z],[ʃ] e [ʒ]

Com base nestes exemplos, constata-se que ocorrem dois tipos de alofonia: posicional e livre. A variação posicional acontece entre os fones [s] e [z] e entre [ʃ] e [ʒ], respeitando a seguinte regra: os fones surdos ocorrem diante de consoante surda (exemplo [t]), e os fones sonoros ocorrem diante de consoante sonora (exemplo [m]). A variação livre, por sua vez, ocorre por questões idioletais ou dialetais. Existem variantes lingüísticas que optam pelas alveolares ([s] e [z]) em posição pós-vocálica, e há variantes que optam pelas alveopalatais ([ʃ] e [ʒ]) nesta mesma posição.

Levando em consideração esta explicação, nas transcrições fonológicas, tem-se o arquifonema [S] em posição pós-vocálica para marcar a neutralização do contraste.

Etapa 7

Depois de realizadas todas estas análises, o pesquisador deverá dispor do inventário completo de fonemas da língua examinada. Estes fonemas deverão estar dispostos em forma de tabela e devidamente classificados.

O pesquisador deverá dispor também de uma descrição detalhada dos processos fonológicos de distribuição dos fonemas e das regras de alofonia.

Retomando e aprimorando a concepção de alofone:

Chama-se de alofone às diversas realizações/variações de um fonema. O fonema /t/, citado várias vezes ao longo deste Curso, pode ser realizado como [t] em “tua” [ˈtuɐ] ou como [tʃ] em “tia” [ˈtiɐ]. Estas diferentes impressões que o cérebro recebe por meio do nervo auditivo não afetam o valor do fonema. Neste caso, estamos diante de alofones, variações de um mesmo fonema.

Os alofones podem ser classificados em:

- livres: aqueles dependentes dos hábitos articulatorios de cada indivíduo ou comunidade.
- posicionais: aqueles mais facilmente modificáveis em razão da posição que ocupam no encadeamento fonológico e da influência dos sons vizinhos. Por exemplo: as influências açorianas no falar de Florianópolis geram realizações muito particulares, em franco processo de desaparecimento, tal como [ˈotʃu], para “oito”. Neste caso o [tʃ] é considerado alofone.
- estilísticos: aqueles produzidos com intenção expressiva. Por exemplo, o alongamento de [e], em um diálogo do tipo:
 - Resolvi sair do emprego.
 - Vocêêêêêêêêêê?!

Saiba mais...

Para um estudo minucioso a respeito da análise fonológica, seguindo detalhadamente todos os passos acima especificados, consulte o livro do Professor Luiz Carlos Cagliari, conforme abaixo indicado:

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

Considerações Finais a Respeito de Fonética e Fonologia

Nesta unidade, estudamos as menores unidades lingüísticas, não significativas, decomponíveis em traços, isto é, dedicamo-nos à investigação dos fones e dos fonemas, objetos de estudo das áreas da Lingüística intituladas Fonética e Fonologia, respectivamente.

A Fonética se dedica ao estudo dos sons concretos, ou seja, dos sons em uso: sua articulação e sua percepção. A Fonologia, por sua vez, volta-se à investigação da função lingüística de tais sons, considerando os fones contrastantes, suas variações e regras de distribuição.

Evidentemente, há muito mais para se estudar nestas áreas. Contudo, neste Curso, tentamos trabalhar com as noções e análises introdutórias. Como pesquisador, seria necessário considerar outros fenômenos fonéticos e fonológicos das línguas, tais como os traços supra-segmentais (tom, acento e duração) e a sílaba, por exemplo. Os textos sugeridos para leituras aprofundadas podem auxiliá-lo neste empreendimento, caso tenha curiosidade!

Na próxima unidade, dedicar-nos-emos ao texto, voltando-nos à leitura e à produção textual.

Bons estudos!

Glossário Relativo à Unidade B

Anatomofisiologia: estudo da forma e da função dos organismos vivos, no caso específico aqui tratado, refere-se ao ser humano.

Dialeto: Variedade social de fala, também conhecida como variação diatópica.

Etimologia: campo da lingüística dedicado à investigação do passado da palavra, isto é, de seu processo de formação ao longo dos séculos. No caso do português e do espanhol, que possuem história muito parecida, estuda-se a palavra desde o latim até seu estado atual.

Idioleto: registro ou variedade individual de fala.

Neurologia: especialidade médica que se dedica ao estudo e tratamento das doenças que atingem o sistema nervoso central e periférico (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 20130).

Unidade C

0 Texto e a Leitura



Uma breve conversa...

Nas unidades anteriores, você revisitou e estudou temas relativos à linguagem, à língua e aos estudos lingüísticos; em particular, estudou questões que dizem respeito às áreas de investigação das unidades sonoras, ou seja: Fonética e Fonologia.

Nesta unidade, vamos nos dedicar, fundamentalmente, à leitura e, por extensão, à produção textual, tema de crucial importância às discussões no âmbito educacional, uma vez que, independentemente da área de atuação, a leitura funciona como pré-requisito ao estudo, à pesquisa, em síntese, aos processos de aprendizagem que envolvem sociedades letradas. Se já não bastasse este irrefutável argumento, há que se considerar, ainda, que você está passando por um período de formação para a docência. Então, além da necessidade premente de desenvolvimento de suas próprias competências em leitura, é fundamental desenvolver competências que lhe permitam ensinar a ler e, evidentemente, a escrever.

O texto desta unidade está organizado da seguinte maneira:

Primeiramente, vamos conversar a respeito da concepção de leitura, de sua emergência e desenvolvimento, considerando três elementos-chave para o processo: o texto, o leitor e a situação de leitura. Neste início de conversa, focalizaremos alguns olhares teóricos.

Em seguida, vamos tratar de questões mais práticas acerca do desenvolvimento da leitura, propondo atividades que permitam o seu monitoramento. Tais atividades implicam produção textual, uma vez que, em contextos naturais, não se tem acesso aos processos cognitivos de leitura, senão por meio das produções dos leitores. Serão propostas atividades de leitura com a intenção de promover consciência dos processos envolvidos em tão complexa tarefa, bem como aprimorar a abordagem textual por meio do emprego de procedimentos e estratégias adequadas à situação, ao texto, ao objetivo e às suas próprias características como leitor e futuro profissional da área de Letras.

Vamos, então, ao trabalho! Espero que tenhamos bons e produtivos momentos!!

As pesquisas em leitura têm evoluído muito rapidamente. Atualmente, um considerável número de estudos é realizado em laboratórios por meio de técnicas de imageamento cerebral, que permitem o acesso direto aos processos cognitivos. Entre estas técnicas, podem-se citar, por exemplo, ressonância magnética funcional, tomografia por emissão de pósitrons e near-infrared spectroscopy. Se você tiver interesse em conhecer estudos desenvolvidos a partir do emprego destas técnicas, pode encontrar interessantes artigos publicados na seguinte obra:

RODRIGUES, Cássio; TOMITCH, Lêda Maria Braga. (Org.). *Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

6 A Leitura

Neste capítulo, discutiremos concepções e procedimentos de leitura de textos escritos, bem como suas produções.

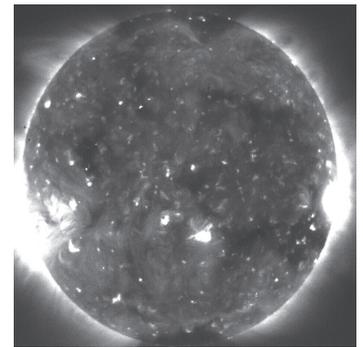
6.1 Leitura: o que é e como se desenvolve

É importante esclarecer, desde o início, que leitura, assim como a maioria das palavras, possui um caráter *polissêmico*, o que pode levar a diferentes concepções, dependendo do uso do termo em determinados contextos. É possível, por exemplo, que se fale sobre leitura de mundo, leitura de uma obra de arte (pintura, escultura, etc.), leitura de uma paisagem, leitura de um desenho, leitura de um pensamento, leitura de um comportamento, enfim, leituras e leituras...

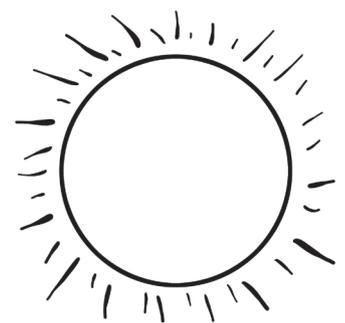
Basicamente, a leitura é um processo de representação que envolve a visão. Neste sentido, ler é olhar para uma coisa e construir mentalmente uma imagem daquilo que se vê. Como em qualquer processo de representação, não existe igualdade entre a representação e aquilo que é representado. Toda representação apresenta características aparentemente paradoxais: seleciona e destaca alguns traços do que é representado; exclui outros traços daquilo que representa, dependendo dos objetivos e das condições de produção da representação. Observe as imagens ao lado (Figura 10). Ambas são representações distintas de um mesmo objeto: o Sol. Embora sejam visivelmente diferentes, a seu modo, cada uma delas guarda traços de aproximação com aquilo que representam.

Neste texto, apesar das inúmeras possíveis aberturas do termo, leitura é entendida dentro daquilo que essencialmente constitui seu objeto, ou seja, o texto escrito. Assim, as demais leituras possíveis não serão aqui abordadas.

Embora os olhares atentos aos processos de leitura possam ser observados desde o século XIX, foi somente nas últimas quatro décadas que a pesquisa em leitura evoluiu de modo a que se pudessem formular modelos teóricos de concepção e de processamento em leitura.



(Representação/
Fotografia do Sol)



(Representação/
Desenho do Sol)

Figura 10: Representação do Sol. Foto disponível em: http://www.nasa.gov/centers/marshall/images/content/161862main_hino-de_sun_2502x2649.jpg

Em um exercício *dialético*, a leitura do texto escrito foi e ainda é compreendida a partir de três posicionamentos teóricos claramente distintos. Eles constituem as seguintes perspectivas que serão a seguir explicitadas: ascendente, descendente e interativa. É importante destacar que se trata de teorias, desenvolvidas e publicadas a partir do final da década de 60, que tentam descrever os processos de leitura.

De acordo com o modelo ascendente, a leitura é realizada seguindo um caminho que parte do texto em direção ao leitor. Sob esta ótica, a leitura é compreendida como um processo, essencialmente, de decodificação. A função do leitor, segundo esta abordagem, é a de garimpar *linearmente* o texto para extrair as informações contidas em cada um dos elementos textuais. O sentido está no texto, cabendo ao leitor encontrá-lo e compreendê-lo. Esta concepção de leitura como extração de sentido vincula-se à idéia de que o texto, dada a sua centralidade na expressão de idéias, possui um sentido exato, preciso e completo, que será alcançado pelo leitor por meio do seu esforço, persistência e competência.



Figura 11: Leitura ascendente

Nas atividades iniciais de emergência da leitura, seja em língua materna ou não materna, operam fundamentalmente processos ascendentes. No período de alfabetização em língua materna, a falta de conhecimento do sistema notacional alfabético/ortográfico naturalmente provoca o deslocamento da atenção e dos recursos cognitivos à superfície do texto, ou seja, à decodificação. Posteriormente, mesmo que o indivíduo já esteja alfabetizado em sua língua materna, ao estudar uma língua estrangeira, ele é novamente levado a operar de modo ascendente na leitura de textos. Desta vez, não se trata propriamente de desconhecimento do sistema de notação ou da natureza da linguagem escrita, mas sim de baixo grau de *interlíngua*. A falta de proficiência na língua estrangeira estudada faz com que se precise prestar mais atenção aos aspectos lingüísticos do que aos aspectos de construção de sentido. Um outro momento que também pode ser citado como favorável ao processamento ascendente é aquele em que o leitor — mesmo que seja proficiente na língua em questão e que tenha desenvolvido suficientemente as competências em leitura — se depara com um texto difícil de ser compreendido, seja por causa da linguagem empregada, do tema, do *gênero textual* ou da situação em que a tarefa de leitura é empreendida.

A concepção descendente de leitura, por sua vez, traz o leitor ao centro do processo, defendendo que ler implica um jogo de adivinhações, de levantamento de hipóteses, ou seja, trata-se de um processo que parte dos conhecimentos que o leitor traz consigo em confronto com as pistas textuais, resultando em atribuição de sentido ao texto. Segundo esta abordagem, a leitura parte daquilo que está por detrás dos olhos: o conhecimento prévio, e não do que está diante deles: o texto. O processo de leitura, segundo esta visão, pode-se resumir da seguinte maneira. Trata-se de processo não-linear em que o leitor, primeiramente, faz previsões sobre o sentido do texto; depois, ele as confirma; e por fim, faz as correções necessárias. Disso pode-se concluir que um mesmo texto pode provocar em cada leitor — ou ainda no mesmo leitor — uma representação completamente diferente da realidade, uma vez que esta representação depende muito mais dos conhecimentos prévios que o leitor possui do que do texto. Neste caso, a leitura pode ser tanto lenta e cuidadosa quanto rápida e superficial.

No período de desenvolvimento da leitura, depois de terem sido adquiridas as habilidades e competências básicas e essenciais para lidar com o texto escrito, o leitor passa a agir mais autonomamente diante do texto. Nesta fase de desenvolvimento e maturação do leitor, alcançados por meio da prática, menos atenção é dedicada aos processos iniciais, que passam a ser automatizados, possibilitando a alocação de recursos de processamento e armazenamento ao sentido do texto. Desse modo, os conhecimentos prévios do leitor entram em cena e, por vezes, se sobrepõem às informações textuais, dependendo da sua própria concepção de leitura e/ou da concepção veiculada em atividades escolares.

Por fim, as teorias que defendem uma concepção interativa de leitura consideram tanto o texto quanto o leitor como elementos fundamentais ao processo de leitura. Ler, segundo esta perspectiva, é construir sentido a partir das informações textuais que desencadeiam processos de recordação, de modo a possibilitar a interação entre os dados do texto escrito e os conhecimentos prévios do leitor. Tais conhecimentos, armazenados nos complexos sistemas de memória humanos, são de natureza lingüística, textual, temática, cultural, entre muitos outros. Trata-se de uma atividade cognitiva essencialmente construtiva.



Figura 12: Leitura descendente

Este é o lugar teórico em que nos situamos. A concepção de leitura que assumimos neste trabalho de pesquisa pode ser desenhada da seguinte maneira:



Figura 13: Leitura interativa

Ler é um processo flexível, ativo e multidimensional, caracterizado pela capacidade de processamento, nível de letramento, objetivos, conhecimento prévio do assunto e do gênero discursivo, bem como pelo envolvimento com a tarefa e pelo estado físico-emocional do leitor.

Você já deve ter estudado materiais que tratam do letramento, não é mesmo? Aqui, como o foco está voltado à leitura, o letramento é compreendido como um processo que envolve habilidades de decodificação, compreensão, interpretação, retenção, reflexão e uso de textos escritos para alcançar objetivos, desenvolver e aprimorar o conhecimento e participar, efetivamente, da vida em sociedade.

É importante destacar que um leitor competente é capaz de lançar mão de diferentes tipos de processamento textual, sejam ascendentes, descendentes ou interativos, dependendo do tipo de material enfrentado em relação ao seu conhecimento, dos seus objetivos, das suas condições físicas e emocionais, da situação em que se dá o ato de leitura e das suas competências lingüísticas amplas e específicas à leitura. Esta flexibilidade faz com que a leitura se desenvolva automaticamente até que o leitor detecte falhas em sua compreensão. A detecção destas falhas implica um monitoramento ativo e constante por parte do leitor, de modo que ele possa utilizar-se de seu elenco de estratégias e avaliar qual delas melhor se aplicará às suas necessidades.

Tais estratégias são compreendidas como atividades de metacognição, que implicam a desautomatização da leitura de modo que haja concentração nos processos para se chegar ao conteúdo. Fundamentalmente, a metacognição implica habilidade de monitoramento da própria compreensão e tomada de medidas adequadas e eficazes quando a compreensão falha. Entre as atividades metacognitivas, é possível destacar, brevemente, as seguintes:

1. Definição dos objetivos da leitura;

2. Alterações das estratégias de leitura devido a variações de objetivo;
3. Identificação das idéias e dos segmentos mais importantes, conforme os objetivos;
4. Distribuição da atenção de modo a se concentrar mais nos segmentos essenciais;
5. Reconhecimento da estrutura lógica do texto;
6. Ativação e recuperação de conhecimento prévio na interpretação de informações novas;
7. Demonstração de sensibilidade a restrições contextuais;
8. Avaliação da qualidade da própria compreensão;
9. Avaliação do texto em termos de clareza, completude e consistência;
10. Tomada de atitudes quando ocorrem falhas de compreensão;
11. Recobrimento da atenção quando ocorrem distrações ou digressões.

Ao considerar a leitura em língua estrangeira, é relevante destacar que, quando um estudante é um leitor proficiente em sua língua materna, ele poderá agir estrategicamente para compensar, com vantagem, o baixo grau de interlíngua.

Considerando a centralidade de abordagens estratégicas de leitura, na seqüência desta unidade, vamos propor alguns possíveis procedimentos de leitura que podem ser muito úteis aos processos de aprendizagem a partir de textos escritos.

Saiba mais...

Aprofunde-se nas teorias, concepções e processos cognitivos em leitura, estudando as seguintes obras:

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzatto, 1996.

6.2 Monitoramento em Leitura

Dependendo do contexto em que se toma um texto, do que se está lendo, do objetivo que se tem e do nível de proficiência em leitura, automaticamente se seleciona a estratégia mais apropriada à situação. A leitura de uma revista em um consultório médico, por exemplo, envolve procedimentos distintos da leitura de uma revista em atividades propostas em aula. Ou ainda quando se está lendo um livro, os olhos e o cérebro se comportam de forma diferente de quando se está lendo uma tabela de horários de ônibus, a sinopse de um filme ou uma bula de remédio... Não é necessário recorrer às pesquisas científicas para perceber que textos escritos de natureza diversa exigem procedimentos diferenciados de leitura e que mesmo textos semelhantes podem envolver abordagens distintas se forem diversos os interesses, os conhecimentos prévios e as características dos leitores. Nossa própria experiência nos mostra isso.

Antes de se embrenhar em um texto, dependendo evidentemente do objetivo de leitura, é interessante que se proceda a uma pré-leitura. Este é o momento em que se passam os olhos pelo texto para identificar suas características mais salientes de modo a poder avaliar se ele é ou não adequado aos interesses, aos propósitos de leitura, ao leitor e à situação. Na etapa de pré-leitura, observam-se o tema, o gênero textual, o meio de veiculação do texto, a autoria, as referências, o texto em si, entre outros aspectos que possam se tornar relevantes em uma determinada experiência de leitura.

Tendo feito a pré-leitura, o leitor decide se envolver com a leitura do texto ou então abandoná-lo e partir para a busca de um outro material que melhor responda aos seus anseios. Se ele optar pela leitura do texto, considerando seus objetivos e suas próprias características como leitor, deve selecionar a abordagem mais adequada para que a tarefa seja executada de modo satisfatório. Evidentemente, a seleção de estratégias não acontece de modo consciente, a menos que haja dificuldade de compreensão. Esta é a etapa crucial da leitura, momento em que se constrói o sentido com base no texto e nos conhecimentos prévios ativados. É sobre ela que vamos trabalhar a seguir.

Na pós-leitura, o leitor pode refletir mais criticamente sobre o sentido construído, ampliando, confirmando, transformando ou refutando seus conhecimentos, sua visão de mundo. É uma etapa avaliativa que, inclusive, pode culminar com uma releitura do material escrito.

No que diz respeito à abordagem estratégica do texto, vamos abordar, nesta disciplina, apenas cinco possíveis procedimentos a serem adotados durante a leitura-estudo. São eles: marcação, auto-questionamento, esquema, mapeamento e resumo. Evidentemente, existem muitas outras possibilidades que talvez se adaptem às suas características. Por isso, sugerimos ao longo desta Unidade algumas leituras extras de modo que se possam contemplar a heterogeneidade dos leitores.

6.2.1. Marcação

A função da marcação ou sublinhado de um texto é destacar determinados aspectos para que seja possível retomá-los quando necessário, sem ter que reler o texto inteiro ou sem que seja preciso localizá-los em meio a tantas possibilidades que um texto oferece.

Lembre-se de que você deve marcar somente seus próprios textos. Quaisquer anotações feitas sobre uma folha de papel não podem mais ser apagadas sem que se deixem vestígios. Quando se toma um livro ou um texto emprestado de uma biblioteca ou de um colega, é importante lembrar que outros leitores vão manusear, ler e/ou estudar este mesmo material. Possivelmente, eles terão objetivos diferentes dos seus. E, mesmo que os objetivos sejam semelhantes, leitores distintos têm olhares distintos sobre um mesmo texto. Toda marcação que você fizer interferirá nas leituras subseqüentes, inclusive, nas suas próprias leituras.

Antes de tudo, para saber o que marcar em um texto, você precisa ter clareza do objetivo da leitura. Por que e para que você vai ler o texto?

Vejamos algumas características fundamentais da marcação:

1. Primeiramente, lembre-se que as menores alterações nos fatores que constituem o processo de leitura provocarão marcações relativamente distintas.

Podemos, rapidamente, lembrar alguns destes fatores:

- a. O leitor, com seu conjunto de conhecimentos, crenças, características e intenções;
 - b. O texto, que se materializa em determinado gênero discursivo, tempo e espaço, que se reveste de determinada forma de linguagem peculiar a quem o escreveu, aos objetivos de quem escreveu, ao público visado e ao meio de veiculação;
 - c. A condição em que o ato de leitura acontece, permeada pelas possíveis calmarias e intempéries que ultrapassam o domínio da própria atividade de leitura.
2. Marque ou sublinhe o texto somente depois de ter lido uma porção significativa. A definição do que seja uma porção significativa depende do texto que se está lendo. Pode ser um parágrafo, uma seção, um capítulo ou, até mesmo, o texto inteiro. A marcação precipitada pode levá-lo à má compreensão ou à incompreensão do texto.
 3. Destaque, no máximo, 20% do material lido. Geralmente, quando se ressalta mais do que isso, acaba-se por marcar demais o texto, poluindo-o. Tal poluição pode dificultar a retomada do material ou uma possível releitura. Marcar demais é prejudicial à compreensão e normalmente caracteriza leitura pouco proficiente e eficaz.
 4. Tente trabalhar com uma cor de caneta ou lápis apenas. O uso de cores diferentes para destacar tipos diferentes de informação conduz a um gasto maior de tempo, ao deslocamento da atenção à escolha das cores e produz o risco de se separarem informações que deveriam ser agrupadas ou se agruparem informações que pertencem a categorias diferentes. Lembre-se de que a marcação não é o objetivo da leitura. Ela é tão-somente uma estraté-

gia para salientar segmentos textuais importantes conforme os propósitos da leitura.

5. Embora o sublinhado seja a forma de marcação mais freqüente, não é a única. Você pode optar por traços verticais à margem, ao lado da informação a ser destacada, por colchetes, por setas, etc. Dependendo do tipo de texto, da qualidade da impressão e do papel, do tamanho da fonte e dos espaçamentos, o sublinhado pode obscurecer a informação ao invés de salientá-la. Além disso, sublinhar exige a habilidade de traçar em linha reta para não tachar o texto. Normalmente, os trechos de texto tachados são aqueles que devem ser excluídos, não salientados.
6. A marcação, se devidamente empregada, é uma excelente técnica de leitura e estudo. Todavia, sugere-se a opção por uma outra estratégia, sempre que você estiver iniciando o estudo de determinado assunto ou área de conhecimento. Nestas situações, recomenda-se que você substitua a marcação por anotações ou perguntas à margem, ao lado do parágrafo. Tal procedimento é válido também nos casos de estudo aprofundado.
7. Empregue uma mesma estratégia de destaque sempre que o objetivo for mantido. É muito importante guardar coerência de procedimento. Isso facilita a retomada do texto e a compreensão das anotações realizadas anteriormente.

Vejamos um exemplo do emprego da estratégia de marcação. Como em qualquer atividade de leitura, é fundamental que se estabeleçam os propósitos da tarefa. Neste caso, nosso objetivo é compreender o texto e, por isso, vamos destacar as informações centrais, aquelas que são chave à construção do sentido.

Em 1910, no editorial do primeiro número do *Journal of Educational Psychology*, uma das primeiras revistas especializadas neste âmbito do conhecimento, mediante uma simples afirmação surgiria um **desafio fundamental**: a necessidade de **criar um novo profissional, cuja tarefa deveria ser a de “mediar entre a ciência da psicologia e a arte do ensino”**. Em certo sentido, a história quase centenária da Psicologia da Educação pode ser interpretada como uma série de esforços ininterruptos, com seus lógicos avanços e retrocessos, em busca deste objetivo.

Os objetivos gerais sempre deram origem a programas de trabalho frutíferos, porém, como se sabe, os objetivos gerais também costumam ser mais fáceis de enunciar que de alcançar. É provável que a pessoa que escreveu o editorial não fosse consciente das dificuldades da sua proposta. Muitas tentativas tiveram de ser realizadas – nem todas cobertas de êxito – para perceber que, na verdade, a mediação proposta não era, na realidade, esta.

Assim, ao contrário do que parece sugerir a frase citada, os caminhos seguidos pelo pensamento psicológico e educativo no decorrer do nosso século revelam que não basta dispor dos conhecimentos que a “ciência da psicologia” nos proporciona, nem dominar a “arte do ensino” para exercer a função de mediação. Sabemos hoje que, para poder mediar o conhecimento psicológico e a prática de ensino, precisamos de algo mais: temos de dotar de conteúdo o próprio processo de mediação, temos de assentá-lo em bases conceituais sólidas; em suma, devemos repensar em boa medida, a partir de uma perspectiva que abranja mais do que as prescrições unidirecionais ou do que a simples mistura, tanto a “ciência da psicologia” como a “arte do ensino”.

[...]

(Excerto do Prefácio da obra *Estratégias de leitura* (Solé, 1998, p.9), escrito por César Coll.)

6.2.2 Auto-questionamento

A estratégia de auto-questionamento implica a elaboração de questões sobre o material que se está lendo e a tentativa de respondê-las livremente a partir da leitura, sem a necessidade de recorrer à superfície do texto original para resgatar e repetir enunciados.

Trata-se de estratégia que envolve reflexão sobre o tema e produção textual. Evidentemente, tal produção ainda se restringe ao texto original, uma vez que se trata de atividade fundamentalmente voltada à leitura e checagem da compreensão e do alcance dos objetivos.

Você pode formular as perguntas e respondê-las oralmente ou elaborá-las e respondê-las por escrito. A segunda opção é bastante interessante, pois exige maior atenção ao que se está produzindo. Além disso, permite retomada e avaliação posterior.

Outra variável diz respeito ao momento em que se aplica o auto-questionamento. Você pode empregá-lo durante a leitura, realizando concomitantemente as atividades, ou depois que concluir a leitura, em uma atividade consecutiva.

Observemos um exemplo do emprego da técnica de auto-questionamento. Evidentemente, você poderia formular questões bastante diferentes destas que estamos propondo.

Conhecimento e Compreensão

O entendimento, ou *compreensão*, é a base da leitura e do aprendizado desta. A que serve qualquer atividade, se a esta faltar a compreensão? A compreensão pode ser considerada como o fator que relaciona os aspectos relevantes do mundo à nossa volta - linguagem escrita, no caso da leitura - às intenções, conhecimento e expectativa que já possuímos em nossas mentes. E o aprendizado pode ser considerado como a modificação do que já sabemos, como uma consequência de nossas interações com o mundo que nos rodeia. Aprendemos a ler, e aprendemos através da leitura, acrescentando coisas àquilo que já sabemos. Assim, a compreensão e o aprendizado são fundamentalmente a mesma coisa, relacionando o novo ao material já conhecido. Para entendermos tudo isto, devemos começar considerando o que “já temos em nossas mentes” que nos permite extrair um sentido do mundo. Devemos começar compreendendo a compreensão.

(Trecho extraído do livro *Compreendendo a leitura* (2003, p.21), de autoria de Frank Smith.)

Questões Formuladas a partir do Texto (Auto-questionamento)

- O que é compreensão?
- A compreensão está relacionada ao aprendizado? Por quê?

6.2.3. Esquema

O esquema se caracteriza por ser uma espécie de esqueleto do texto, que nos permite, do modo mais sucinto possível, perceber as suas dimensões mais relevantes.

Trata-se de um esboço textual, altamente informativo, em forma de tópicos, em que importam mais a relação entre as idéias do que a seqüência em que elas são apresentadas no original.

Respeita-se à idéia, não a superfície do texto, uma vez que não se trata de cópia e montagem.

Vejamos a seguir um breve exemplo da utilização da técnica de esquematização. Novamente, trata-se apenas de uma proposta. Provavelmente, você proporia algo diferente. Se desejar, pode tentar e nós discutiremos sua proposição.

Como o esquema é sempre elaborado em folha distinta, separado do texto original, é fundamental que seja indicada a referência completa, de modo que seja possível retornar ao texto original caso seja necessário e, sobretudo, de sorte que se possa indicar a fonte sempre que as informações veiculadas no original e compreendidas no processo de leitura forem utilizadas.

O corpo está intacto. Mas não dá para clonar

Os mamutes foram extintos há relativamente pouco tempo, considerando-se a história da vida no planeta. Os últimos espécimes desapareceram há 4.000 anos.

Hoje, fósseis desses gigantes pré-históricos são encontrados com frequência na Sibéria quando se vasculha o chamado permafrost, a camada de terra permanentemente congelada da região. Uma das mais espetaculares dessas descobertas foi anunciada na semana passada. Um bebê mamute, que viveu há 10.000 anos e morreu aos 6 meses de idade, foi encontrado na Península de Yamal. O que espanta os cientistas é o extraordinário estado de conservação do fóssil. O corpo, a tromba e os olhos do mamute, uma fêmea, estão intactos, assim como boa parte do pêlo. "Já encontramos muitas carcaças, mas nada se compara com essa em termos de preservação. Ela não tem defeito. Falta-lhe apenas o rabo", diz o paleontólogo Alexei Tikhonov, diretor do Instituto Zoológico da Academia Russa de Ciências. Para muitos geneticistas, a descoberta do bebê mamute siberiano reacende a esperança de que, no futuro, se consiga criar clones de mamute e de outros animais extintos. Dessa forma, seria possível fazer com que espécies desaparecidas voltassem a habitar a Terra.

O processo para criar clones de animais extintos não seria muito diferente daquele mostrado no filme *Jurassic Park*, de Steven Spielberg. No caso dos mamutes, o que tornaria possível recriá-los, em teoria, é seu parentesco com os elefantes. Geneticamente, os mamutes são 95% idênticos aos elefantes que vivem na Ásia e na África. Primeiro, é preciso encontrar no fóssil uma célula que possua o DNA intacto. O próximo passo é substituir o código genético original do núcleo de um óvulo de elefanta pelo material genético retirado do fóssil do mamute. A seguir, o óvulo fertilizado é implantado no útero de uma elefanta. “Quanto mais bem preservado o animal, maiores as chances de conseguirmos amostras de DNA intactas e, assim, recriarmos espécies extintas”, disse a VEJA Larry Agenbroad, diretor do Centro de Estudos de Mamutes, laboratório independente de Dakota do Sul. A maior dificuldade para clonar um animal extinto está justamente em conseguir uma amostra de DNA intacta. Quando o congelamento se dá em condições especiais, como se faz nos laboratórios, o material genético da célula pode ser preservado indefinidamente. Mas as condições de congelamento nos permafrosts estão muito aquém das ideais – tudo o que se encontrou até hoje foram fragmentos de DNA.

Nem por isso os cientistas desistem. O biólogo Don Colgan, do Museu Australiano, tenta há quase uma década clonar o tigre-da-tasmânia, extinto em 1936. Colgan já conseguiu reproduzir milhões de cópias de fragmentos do DNA de um tigre-da-tasmânia morto há 140 anos, mas admite que as chances de ter um clone da espécie são “muito pequenas”. A carcaça do filhote de mamute recém-descoberta será encaminhada à Universidade Jikei, no Japão, destino de grande parte dos fósseis congelados encontrados na região do Ártico. Animais bem preservados são a maior fonte de informações sobre como era o planeta no tempo em que eles viveram. Ao analisá-los, consegue-se descobrir o seu tipo de dieta, a fauna e flora locais e as condições climáticas do período. “Nos últimos 3 milhões de anos, houve 27 ciclos glaciais e interglaciais. Uma das poucas formas de desvendá-los é por meio desses fósseis”, diz Jefferson Cardia Simões, coordenador do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ainda não há uma certeza sobre o que provocou a extinção dos mamutes. Uma das hipóteses, levantada em pesquisas, é que tenham sido caçados extensivamente pelo homem. Armados com lanças com pontas de pedra lascada e fogo, os caçadores, ao que tudo indica, acuavam os mamutes até que eles caíssem de penhascos. Até hoje, os fósseis de animais extintos permitiram aos geneticistas apenas iniciar o seqüenciamento do DNA

AS DIFICULDADES PARA RECRIAR ESPÉCIES EXTINTAS

1 O DNA deteriora-se rapidamente depois da morte. O que resta pode estar contaminado por microrganismos



2 Fragmentos de DNA já foram recuperados de espécies extintas, como o homem de Neandertal e o tigre-da-tasmânia

3 Com essas amostras é possível realizar o seqüenciamento genético. O genoma de um Neandertal morto há 38 000 anos está prometido para os próximos meses

4 Para criar um clone ou um híbrido de um animal extinto é preciso encontrar uma célula com o DNA intacto, o que ainda não se conseguiu

Com o DNA intacto, haveria duas formas para recriar o mamute

Híbrido: uma célula de mamute com o DNA intacto é implantada num óvulo de elefante. O bebê teria características de ambos os animais

Clone: o óvulo da elefanta é esvaziado de seu material genético antes de receber o DNA do mamute. O bebê seria 100% mamute



das espécies. O maior especialista do mundo em genética arqueológica, o sueco Svante Paabo, está prestes a seqüenciar o DNA de um exemplar do homem de Neandertal, um parente próximo do homem moderno que desapareceu há 30.000 anos. “O trabalho de Paabo é importante porque permitirá a comparação entre o Neandertal, o homem e os primatas, e assim será possível entender o nosso passado evolucionário”, diz o geneticista mineiro Sérgio Danilo Pena. “Mas, por enquanto, a possibilidade de clonar mamutes ainda pertence ao terreno da ficção científica”, ele avalia.

(Texto completo publicado na revista *Veja*, 18 jul. 2007, p.110-111.)

Proposta/exemplo de esquema:

CARELLI, G. O corpo está intacto. Mas não dá para clonar. *Veja*, p. 110-111, 18 jul. 2007.

- a. Tema: a localização e a identificação, em bom estado de conservação, de animais extintos, possibilitando a evolução dos estudos genéticos.
- b. Objetivo: informar sobre as possibilidades e exigências da clonagem de animais extintos, além de evidenciar o valor histórico das informações genéticas destes animais localizados e promover o conhecimento do planeta em épocas remotas.
- c. Condições para a clonagem de animais extintos (possibilidade futura):
 - grande semelhança genética a animais existentes;
 - localização de amostra intacta de DNA.
- d. Dificuldade atual: localizaram-se apenas fragmentos de DNA.

1.2.4 Mapa

O mapa é um desenho gráfico do texto. Ele é bastante visual e, por isso, permite que se localizem as informações relevantes com facilidade no espaço da página.

Para elaborá-lo, o leitor deve, primeiramente, analisar as características do texto lido. Então, ele decide a respeito do ponto de partida do mapa, identificando a tese ou a idéia central. Em seguida, estabelece as idéias secundárias, vinculando-as à principal. Por fim, se considerar importante, acrescenta detalhes que reforçam a tese ou aqueles que são fundamentais ao alcance dos objetivos da leitura.

O esquema e o mapa se aproximam no que diz respeito à organização das idéias e à redação. A distinção reside no tipo de organização. O esquema se assemelha a uma lista; o mapa, por sua vez, a um desenho, a uma espécie de organograma.

Assim como no esquema, sempre que se mapeia um texto, deve-se indicar sua referência completa.

Atenção: A indicação da referência é fundamental! Não confie demasiadamente em sua memória. Com grande frequência, lembramos das informações porque elas nos são significativas, mas nos esquecemos das fontes. Por isso, a anotação da origem das informações é essencial!

Vejamos um exemplo do emprego da estratégia de mapeamento textual.

O ciclo da desigualdade

Professores com menor formação e remuneração estão despreparados para promover quem mais precisa da Educação, que é o aluno do ensino público

Em muitos aspectos de nossa vida social e econômica, a desigualdade, mais do que um problema crônico, parece ser um programa histórico. O orçamento nacional, por exemplo, é um permanente concentrador de riquezas, pois usa recursos subtraídos de investimentos sociais para pagar a dívida pública e remunerar aplicações financeiras. A Educação vive semelhante círculo vicioso, regido pela lógica de mercado, que amplia continuamente as disparidades. A profissão de professoras e professores, sua formação e sua condição de trabalho deveriam ser estratégicas, se quisermos romper esse ciclo de desigualdade crescente: quem tem

melhor condição social obtém Educação com mais qualidade e quem recebe essa Educação boa avança socialmente.

A seleção socioeconômica no acesso às carreiras mais competitivas nas universidades públicas reflete um dos sentidos dessa desigualdade, pois escolas privadas de elite provêem melhor formação que a média das públicas. Reequilibrar essa disparidade implica aperfeiçoar as escolas e as oportunidades de acesso à cultura e para tanto é essencial dar boa formação aos educadores. Isso, no entanto, colide com o outro sentido da desigualdade, como é fácil demonstrar.

O desprestígio e a expectativa de baixa remuneração do trabalho de professor fazem com que os cursos de Pedagogia e as licenciaturas estejam, de acordo com dados oficiais, entre os menos disputados, o que contribui para uma inversão na seleção de entrada. Os dados também mostram que isso resulta em cursos mais fracos nas instituições privadas e em altas taxas de abandono nas públicas, reduzindo assim o número dos que recebem boa qualificação teórica e prática.

Acompanho o trabalho magnífico feito na rede pública por professoras e professores e defendo que, por sua qualificação e dedicação, eles deveriam ser contratados como tutores na formação prática de novos colegas. No entanto, nessa lógica perversa, eles não são reconhecidos nem pagos por seu empenho ou excelência, já que são “funcionários públicos como os demais”. Assim, muitos dos que têm melhor qualificação cultural e técnico-pedagógica acabam atraídos pelas escolas particulares (que já atendem a alunos de melhor condição econômica e oferecem um ensino um pouco mais qualificado). O círculo mais uma vez se fecha. Que fazer, então?

No curto prazo, é preciso reforçar propostas de aperfeiçoamento da formação docente, baseadas no apoio direto ao trabalho feito nas salas de aula e complementadas com oportunidades de mais vida cultural para alunos e professores. As redes públicas de ensino, até por serem grandes, podem pôr em prática essas propostas com baixo custo unitário. Mas essas são ações compensatórias, que não substituem um programa que foque a formação e as condições de trabalho.

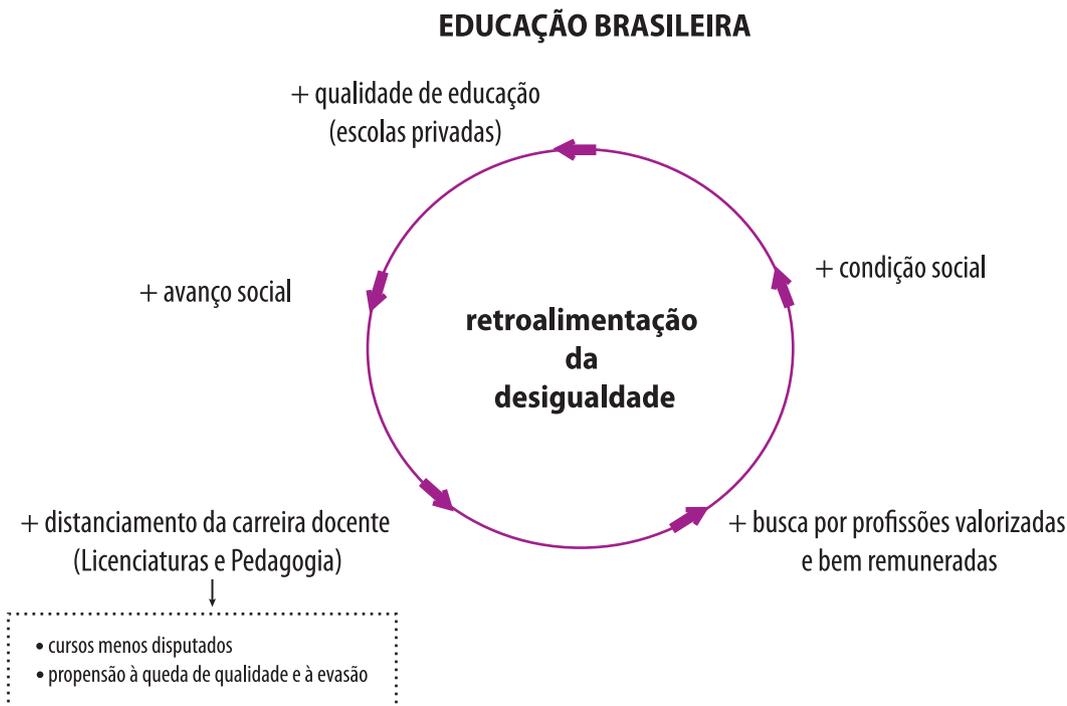
É preciso tornar a formação de professores mais atraente e eficaz, disponibilizando bolsas de estudos vinculadas ao desempenho e subsidiando centros que, associados a escolas fundamentais e médias, se disponham a formar uma vanguarda de profissionais. Ao mesmo tempo, é essencial

difundir uma nova lógica de reconhecimento do trabalho docente, especialmente dos que ensinam nas condições sociais mais carentes, por meio de avaliação dos alunos no início e no fim do ano, premiando e promovendo os responsáveis pela evolução dos que mais precisam da escola.

(Texto completo publicado na revista Nova Escola, set. 2007, p. 26.)

Exemplo de Elaboração de Mapa:

MENEZES, L. C. O ciclo da desigualdade. *Nova Escola*, p. 26, set. 2007.



6.2.5 Resumo

Por meio das palavras ou idéias-chave do texto, pode-se elaborar o resumo.

Esta não é apenas uma estratégia de leitura, mas também de produção textual. O resumo, além de respeitar as idéias originais, ele próprio precisa ter originalidade na composição do texto.

Trata-se de um texto sucinto, elaborado a partir de outro, mais complexo e denso.

Você pode elaborar seus resumos partindo de um esquema ou de um mapa prévio. Em termos temáticos, o esquema e o mapa sintetizam o texto original. A eles faltam os contornos e a unidade textual. O esquema ou o mapa compreendem mais da metade do trabalho de elaboração de um resumo!

Mas, se você preferir, é possível produzir diretamente o resumo com base nas palavras ou idéias-chave do texto original.

As palavras-chave formam um centro de expansão que constitui a base do texto. Tudo deve ajustar-se a elas de modo preciso. Uma das tarefas do leitor é detectá-las ao longo do texto e, a partir delas, reconstruí-lo sucintamente.

As palavras-chave aparecem em todo o texto de diferentes maneiras: repetidas, modificadas, retomadas por sinônimos, *hipônimos*, *hiperônimos*. Elas compõem o esqueleto textual.

Às vezes, é difícil encontrar as palavras-chave; então, pode-se recorrer às idéias-chave para obter a essência de cada porção textual.

Em síntese, em uma boa leitura seguida de produção de resumo, é importante que se considerem os seguintes critérios:

1. Elaborar esquema ou mapa ou então procurar as palavras ou idéias-chave do texto;
2. No caso de se trabalhar a partir das palavras ou idéias-chave, procurar as informações veiculadas e sintetizá-las com suas próprias palavras;
3. Sintetizar o texto de modo coeso e coerente, encadeando as idéias apresentadas. Você é o autor do resumo!
4. Tomar nota das referências completas.

A título de exemplificação, vamos resumir o texto que esquematizamos na seção 3.3.3: “O corpo está intacto. Mas não dá para clonar”. Se você preferir, pode reler o original e o esquema, retornando àquela seção.

CARELLI, G. O corpo está intacto. Mas não dá para clonar. Veja, p. 110-111, 18 jul. 2007.

Resumo

A descoberta de animais em excelente estado de conservação – a exemplo do mamute que morreu há cerca de 10000 anos - faz aumentar as expectativas em relação à clonagem de animais já extintos, assim como propicia a evolução dos estudos em genética e o conhecimento das características do planeta em épocas remotas. A clonagem de animais extintos ainda não é possível por exigir a localização de uma célula que tenha o DNA intacto, o que é improvável devido às condições insatisfatórias de congelamento dos animais encontrados. É necessário também haver grande semelhança genética entre o animal extinto e um animal que viva em nossa época, condição mais facilmente contemplada.

Saiba mais...

Para desenvolver sua competência leitora, você pode estudar as seguintes obras:

CHEVALIER, Brigitte. *Leitura e anotações: gestão mental e aquisição de métodos de trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIBERATO, Yara. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6.ed. Porto Alegre: ART-MED, 1998.

Aprendendo a Ler e a Escrever: comentários finais

Existem instigantes pesquisas a respeito do que sejam as línguas e dos fatores que podem promover ou dificultar seu aprendizado. Tais estudos ultrapassam, em grande medida, aquilo que dizem o senso comum e as gramáticas e também aquilo que as aulas de língua propõem muito freqüentemente. Se tais estudos fossem levados ao ambiente escolar, poderiam provocar sensíveis revoluções no ensino, produzindo práticas mais eficazes no que diz respeito ao desenvolvimento consistente da leitura e da escrita. Evidentemente, a aplicação de tais propostas não resolveria os problemas escolares, mas poderia, sim, instigar práticas voltadas ao letramento dos estudantes.

Por ser o letramento um processo constante, mesmo indivíduos proficientes em leitura e produção textual continuam aprimorando sua competência, uma vez que cada ato é individual e requer habilidades e conhecimentos específicos para um desempenho satisfatório.

A leitura é uma competência fundamental a ser desenvolvida em meios educacionais, pois toda aprendizagem na escola está fundamentada nela. Um leitor eficiente é capaz de usar diferentes tipos de processamento textual, quer sejam ascendentes, descendentes ou interativos, dependendo das condições em que o ato de ler se concretiza.

Nas últimas décadas, as relações entre o estudante e o texto, seja em atividade de leitura ou de produção textual, têm sido uma das preocupações de pesquisadores que se dedicam ao processo de ensino/aprendizagem de línguas. Os estudantes vêm demonstrando desempenho insatisfatório em tarefas regulares de leitura e escrita e também em avaliações intra- e extra-classe. Embora o trabalho sobre as estruturas lingüísticas e sobre o desempenho oral seja de indiscutível importância, o ensino de estratégias metalingüísticas de leitura e escrita contribui, significativamente, ao desenvolvimento do nível de interlíngua do estudante.

Apesar desta significativa oferta de materiais de pesquisa, com grande freqüência, as práticas pedagógicas no ensino regular de línguas ainda constituem um quadro pouco eficiente, cujo foco se centra, em grande

medida, em um ensino mais comunicativo, voltado à interação oral, ou em aspectos gramaticais — normalmente normativos e prescritivos. As atividades de leitura e escrita ainda recebem atenção secundária — excetuando-se, evidentemente — os cursos de língua com objetivos específicos, ou seja, as formações cujo objetivo é instrumentalizar o indivíduo para uma tarefa específica, freqüentemente ler e/ou escrever textos em determinada área ou situação.

Saiba mais...

Saiba mais sobre os processos de ensino/aprendizagem de leitura e escrita estudando as seguintes obras:

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula*. São Paulo: Peirópolis, 2002.

FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga (Org.). *Aspectos da lingüística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.

McGUINNESS, Diane. *O ensino da leitura: o que a ciência nos diz sobre como ensinar a ler*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. O lugar da leitura na aula de língua estrangeira *Vertentes*. n. 16 – julho/dezembro 2000. p. 24-29.

Glossário relativo à Unidade C

Dialética: genericamente, a dialética pode ser compreendida como um conflito gerado pela oposição/contradição de idéias e princípios teóricos (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001. p. 1030).

Gênero textual: de maneira bastante geral e simplificada — o que por vezes leva a definições inconsistentes —, os gêneros textuais são unidades concretas da comunicação verbal e interação huma-

Se você quiser saber mais sobre dialética, leia: DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

Para se aprofundar na discussão sobre gêneros do discurso, leia: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). Gêneros textuais e ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007

nas, que se realizam de modo relativamente estável. Toda produção textual pertence a um gênero.

Hiperonímia: relação que se estabelece entre uma palavra de sentido mais genérico e outra de sentido mais específico. Animal é hipônimo de homem e também de cavalo, por exemplo.

Hiponímia: na hiponímia tem-se o contrário da hiperonímia, ou seja, trata-se da relação de palavra de sentido mais específico e outra de sentido mais genérico que guarda traços semânticos amplos que compreendem a palavra específica. Por exemplo, cavalo e homem são hipônimos de animal.

Interlíngua: estágios de desenvolvimento situados entre o domínio de língua materna e o domínio de língua estrangeira.

Linear: neste contexto, linear significa da esquerda para a direita, de cima para baixo, respeitando a organização espacial da escrita da língua portuguesa.

Polissemia: propriedade dos signos lingüísticos de possuírem vários possíveis sentidos (DUBOIS; GIACOMO; GUESPIN et. al., 1998, p. 471).

Reflexões Finais

Insistiremos, ao finalizar, que é muito importante que os professores de Letras, de modo geral, possuam uma concepção a respeito de língua e linguagem que responda às vertentes atuais em termos das pesquisas científicas. Naturalmente, a posição do professor diante de seus alunos não deve assumir valor imperativo ou revestir-se de verdade absoluta, embora saibamos que a posição do mestre interfere sobremaneira na formação dos discípulos, determinando, por vezes, os rumos de suas concepções em termos daquilo que significa ler, aprender, ensinar. Assim, fica explicitamente estampado o compromisso social implicado e subjacente às atividades docentes. Fazemos parte de um processo educativo e somos os responsáveis por ele enquanto coletividade.

Quando mergulhamos nas diversas áreas de uma ciência, como a própria Lingüística, constatamos que todos os aspectos estão intimamente integrados. Os movimentos da linguagem são convergentes e sinérgicos. A aceitação das diversidades permite melhor compreensão dos elementos que compõem as diferenças. Efetivamente não há de se negar normas, padrões, enfim, as regras criadas para melhor explicar e compreender nossa própria expressão, pois são eles que participam e, em muitos momentos, permitem as coesões necessárias aos entendimentos sociais. As singularidades localizadas nas bases devem ser tomadas como força para os aperfeiçoamentos. É importante que o profissional do ensino valorize o potencial que cada aluno possui. Eventuais diferenças provindas de nossos meios de origem constituem riquezas sobre as quais se podem erigir novos conhecimentos. A formação de formadores constitui um importante processo a ser desenvolvido de modo responsável e com imenso compromisso científico.

Referências

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Tradução de Ernani Rosa. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. Título original: La lectura: teoría, evaluación e desarrollo.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula*. São Paulo: Peirópolis, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CHEVALIER, Brigitte. *Leitura e anotações: gestão mental e aquisição de métodos de trabalho*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Título original: Lecture et prise de notes.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; et. al. *Dicionário de Lingüística*. Coordenação geral da tradução: Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1998. Título original: Dictionnaire de Linguistique.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Lingüística II: princípios de análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga. (Org.). *Aspectos da lingüística aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

HOYOS-ANDRADE, Rafael Eugenio. *Sistemas fonológicos, interferências e ensino de línguas*. *Uniletras*, n. 16, p. 5-18, 1994.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1990.

LEFFA, Wilson J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzatto, 1996.

LIBERATO, Yara. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTIN, Robert. *Para entender Linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

MASIP, Vicente. *Fonética espanhola para brasileiros*. Recife: Sociedade Cultural Brasil – Espanha, 1998.

McGUINNESS, Diane. *O ensino da leitura: o que a ciência nos diz sobre como ensinar a ler*. Tradução de Luzia Araújo. Porto Alegre: Artmed, 2006. Título original: Early reading instruction: What science really tells us about how to teach reading.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. v.1. São Paulo: Cortez, 2006.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. O lugar da leitura na aula de língua estrangeira. *Vertentes*, n. 16, p.24-29, jul/dez 2000. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/leitura.htm>. Acesso em: 17/09/2007.

ROBERT, P. *Dictionnaire alphabétique & analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 2001.

RODRIGUES, Cássio; TOMITCH, Lêda Maria Braga. (Org.). *Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Thaís Cristófaros Silva. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura*: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Tradução de Daise Batista. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. Título original: Understanding reading.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: ARTMED, 1998. Título original: Estrategias de lectura.

SOUZA, Ana Cláudia. *Estrutura silábica do português brasileiro e do inglês americano*: estudo comparativo. 1998. 90 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. A review of the models of reading. *Revista de Ciências Humanas*, v.6, n.1, p.21-25, 2000.

_____. *Leitura, metáfora e memória de trabalho*: três eixos imbricados. 2004. 232f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

STERNBERG, Robert J. *Psicologia Cognitiva*. Trad. de Maria Regina Borges Osório. Porto Alegre: Artmed, 2000. Título original: Cognitive Psychology.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002. Título original: A Concise Story of Linguistics.

Sites

Phonétique Française. <http://membres.lycos.fr/milenchip/phonetic.htm>. Acesso em: 25/06/2008.

La phonétique et la phonologie. <http://www.linguistes.com/phonetique/phon.html>. Acesso em: 25/06/2008.

Fontes utilizadas exclusivamente para os exercícios de leitura

CARELLI, Gabriela. O corpo está intacto. Mas não dá para clonar. *Veja*, p. 110-111, 18 jul. 2007.

MENEZES, Luis Carlos. O ciclo da desigualdade. *Nova Escola*, p. 26, set. 2007.

